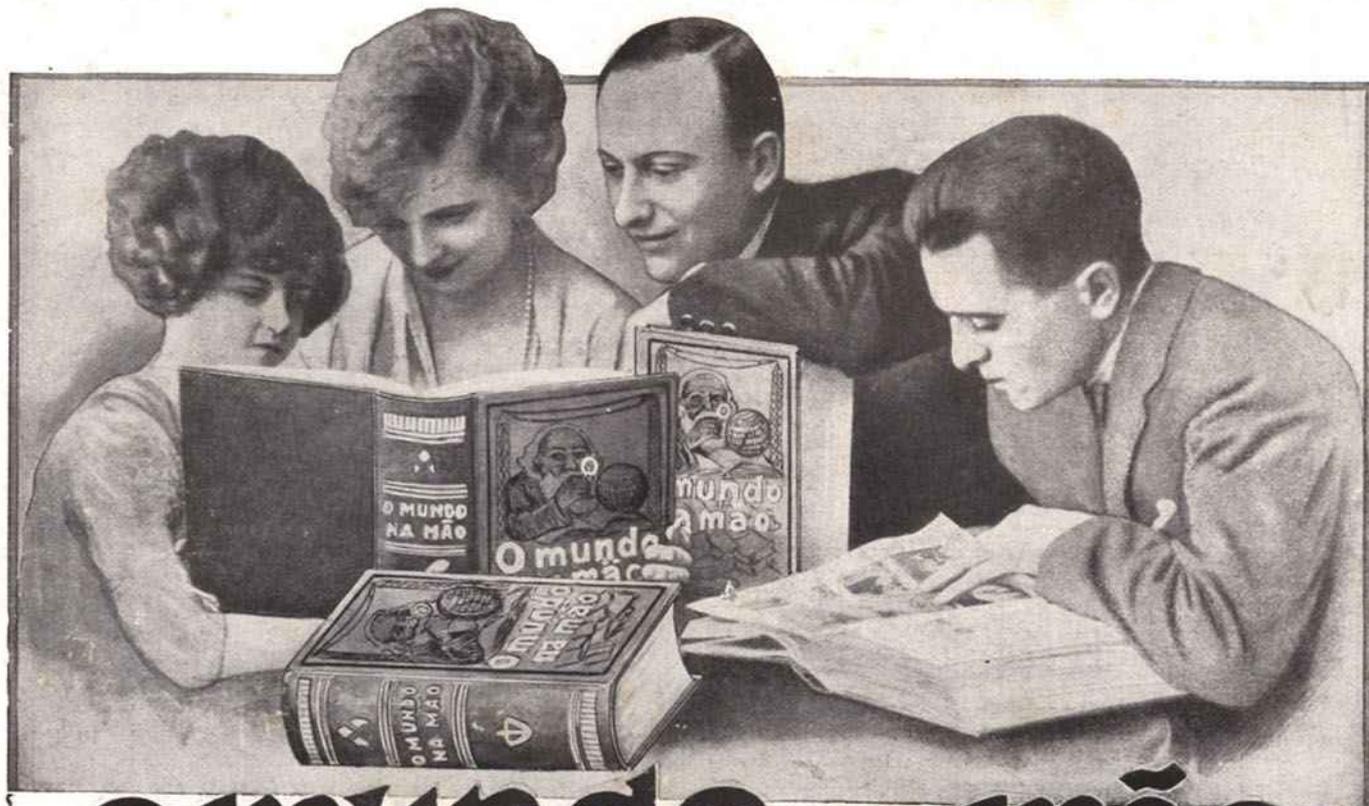


ILUSTRAÇÃO

N.º 229 — 10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

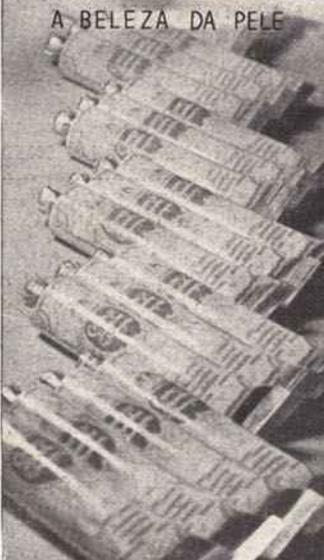
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 LISBOA

As edições da **Livraria Bertrand** encontram-se à venda na **Minerva Central**, Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212 Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Suncrã

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRECURA DA JUVENTUDE

M. CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultrapar Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acaba de sair a 2.ª edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.º milhar da

A L E M A N H A

ENSANGÜENTADA

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada do pintor Roberto, broch. 12\$00

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por

•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Branqueiei a Minha Pele

Escura E Feia




3 Tons em 3 Dias

«A minha pele estava amarela, escura e estragada. Apresentava desagradáveis pontos negros, grosseiras películas e poros dilatados em volta do nariz, do queixo e da testa. Hoje, a minha pele macia, branca e aveludada e a minha tez encantadora fazem a inveja e a admiração de toda a gente.»

Toda a mulher pode presentemente branquear, amaciar e embelezar facilmente a pele fazendo o simples uso, todos os dias, do Creme Tokalon alimento para a pele, cor branca (não gorduroso). Este contém agora creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam a pele. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal maneira que desaparecem, branqueia e amacia a pele mais escura e seca. Mantém a epiderme mais seca, fresca e com uma leve humidade, mas isenta de gordura. Convém igualmente a uma pele oleosa.

O Creme Tokalon, Alimento para a Pele, (cor branca), torna, em 3 dias, a pele dumha beleza e dum frescor novos e indiscutíveis — e isto duma maneira impossível de obter de forma diversa. Se a sua pele está enrugada e velha, deverá empregar também o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, (cor de rosa) à noite, antes de se deitar. Ele alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à **Agência Tokalon**, 88, Rua da Assunção LISBOA que atende na volta do correio.

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado.....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens</i> — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Trevia! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias, Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado..	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA , 2. ^a edição muito remodelada, com ilustrações de <i>Benjamin Rabier</i> , 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA , 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inqui- sição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00
Opúsculos:	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
> II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
> III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
> IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
> V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
> VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
> VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
> VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
> IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
> X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

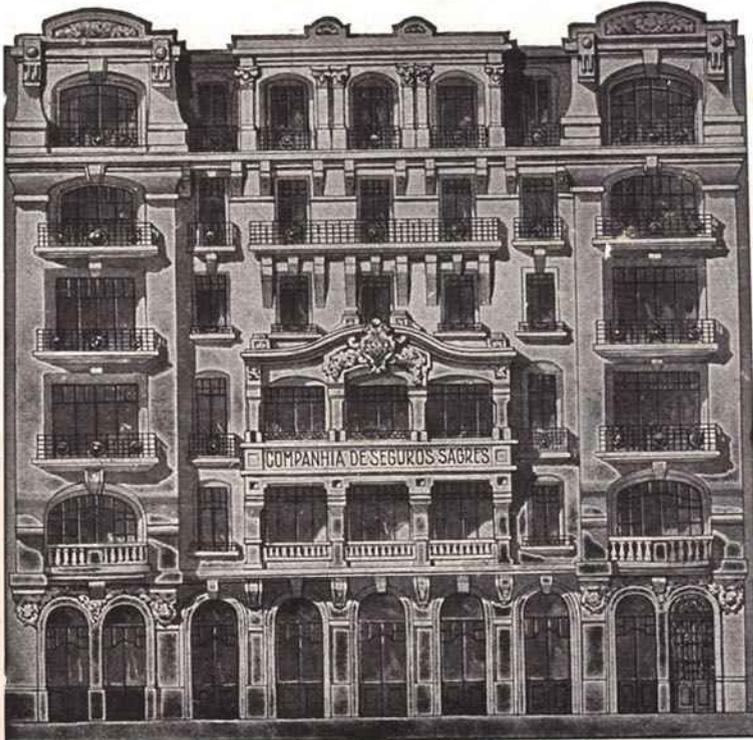
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura por- tuguesa , por <i>Aubrey F. G. Bell</i> (tra- dução), br.....	3\$00
Comentário leve da Grande Guerra:	
I — <i>Europa em guerra</i> (esgotado).	
II — <i>O Homem, lobo do Homem</i> — 304 págs., br.....	10\$00
III — <i>Portugal em Campanha</i> — 299 págs., br.	10\$00
IV — <i>Latinos e Germanos</i> — 319 págs., br.....	10\$00
V — <i>A Carranca da Paz</i> — 316 págs., br.....	10\$00
Ensaio sobre educação:	
I — <i>Educação e Ensino</i> — 317 págs., br.....	10\$00
II — <i>Casa de Pais, Escola de Filhos</i> — 248 pá- ginas, br.....	10\$00
III — <i>Educar, na Família, na Escola e na Vida</i> — 352 págs., br.....	10\$00
IV — <i>A mãe de todos os vícios</i> — 293 págs., br.	10\$00
Homem (O), a ladeira e o calhau — br.....	10\$00
Jardim da Europa . — br.....	10\$00
Ler e tresler . — br.....	10\$00
Lição moral e cívica , dada perante os alu- nos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro ani- versário do assassinio do Presidente Sidónio Pais.....	3\$00
O pintor Carlos Reis . — 1 fol. formato grande.....	4\$00
Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica . — 64 págs., br.....	3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

Seguros de vida em todas
as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO GOELHO

- | | |
|---|--------|
| A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... | 5\$00 |
| Trombose das coronarias e infarto do miocardio (Estudo experimental e clínico)..... | 30\$00 |
| O Professor Ricardo Jorge (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) | 15\$00 |
| A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... | 7\$50 |

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

FOR JÚLIO DANTAS

TITULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A ultima viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. .. 17\$00 broch. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notavel obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 352 págs., no formato de 26×18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindissima capa, broc. 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA



Quando os seus fatos correrem o risco de ser traçados

Não experimente destruir a traça com os fracos substitutos do Flit

Insecticidas de vulgar e inferior qualidade não poderão nunca destruir a traça e as suas larvas vorazes. Esses insecticidas permitem que os vermes da traça se alimentem impunemente através dos tecidos — e são tão responsáveis pela destruição das suas roupas, como a própria traça. Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destrói de facto os insectos, matando-os.

FLIT pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta, *selada*, para sua garantia contra as imitações.



Espalhe PÓ FLIT

Mata: formigas, pulgas, percevejos, baratas, traças, piolhos, etc.

G-125



Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História.

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.^a EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a cores . . . 10\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA



A dor envelhece

Ninguém gosta de aparentar idade superior à que tem; pelo contrário, alegramo-nos quando nos supõem mais jovens. Ora, infelizmente, a dor faz-nos parecer mais velhos. Tenhamos, pois, juízo, tomando um ou dois comprimidos de CAFIASPIRINA quando tivermos alguma dor. CAFIASPIRINA tira rapidamente a dor mais rebelde e restitui-nos um completo bem-estar e a alegria de viver.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR - DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O Santo Condestável continua a ser uma das mais gloriosas figuras da História Pátria. Passou agora o 575.º aniversário do seu nascimento que o povo não esqueceu nem esquecerá jámais.

Sem Nuno Alvares Pereira, o que teria sido de Portugal no desenrolar turbulento dos acontecimentos de 1383 em que D. João, Mestre de Aviz foi proclamado o *Defensor do reino*?

Compreende-se logicamente que o bastardo de D. Pedro I, após o assassinio do Conde Andeiro, ter-se-ia deixado fascinar pelos encantos da «Flor de Altura», e o seu esforço resultaria nulo.

E a prova é que, em seguida ao seu feito, o Mestre de Aviz foi ajoelhar aos pés de D. Leonor Teles, e, beijando-lhe a mão perfumada, lhe disse humildemente:

«— Errei, Senhora. Por mercê, vos peço que me perdoeis. O que fiz, me pesa de o haver feito em vossos Paços. Não foi intenção minha causar-vos nójo nem deshonra, mas assegurar a minha vida, pois o homem que matei me queria matar a mim. Só errei em matá-lo em vossa morada. Por mercê, perdoai-me.»

Nessa altura, o Mestre pensava em casar-se com a rainha, embora ela tivesse sido a adúltera mulher de D. João Lourenço da Cunha, a viúva de seu irmão D. Fernando e a amante do homem que ele assassinara.

Sabemos como a «Flor de Altura» repeliu um tal contrato, sonhando talvez um melhor meio de se apossar da soberania.

O Mestre de Aviz teria sido enredado nas malhas dessa nova Circe que o levaria a uma perdição irremediável.

Valeu-lhe Nuno Alvares Pereira que foi o mais forte pilar do seu triunfo.

Leonor Teles compreendeu imediatamente ter um terrível adversário nesse mancebo de vinte e três anos que ela tratava com tanto carinho e amizade.

Lembrava-se de que, tendo ele treze anos de idade, o armara cavaleiro por suas mãos, e que, em virtude da sua pequenez, tivera de utilizar-se do pequeno arnez do Mestre de Aviz, pois

O SANTO CONDESTAVEL

todos os outros eram grandes em demasia.

Lembrava-se de o ter visto, pequeno de corpo, ruivo, rosto afilado, sardento, e tóda

enlevada no seu ardimento de criança, tê-lo feito seu escudeiro.

E Leonor Teles murmurava com máguia:

«— O Nuno que eu conheci tamanho!...»

Uma ingratidão talvez. Mas, acima de tudo estava a Pátria que a política de D. Leonor Teles estava deitando a perder.

Surgiu, então, Nuno Alvares Pereira, o paladino excelso da independência da terra abençoada que lhe fora berço.

Sem êle, o Mestre de Aviz teria o destino do pobre alfaiate Fernão Vasques que pagara na força os insultos atirados à comberça real.

Após as jornadas gloriosas de Valverde, Atouros e Aljubarrota, o herói poderia fulgurar em tôda a imponência das grandezas e honrarias de que o Mestre de Aviz lhe fizera mercê por dever de gratidão. Poderia dar largas a tôdas as suas vaidades e ambições, se estes feios defeitos tivessem mordido alguma vez o seu coração generoso. Poderia ser o verdadeiro senhor de Portugal e eclipsar até o próprio rei, consoante os receios constantes do tão douto como desconfiado João das Regras que não largava o soberano com o objecto das suas apreensões.

O certo é que o rei, deixando-se levar pelas razões expostas por tão poderosa dialectica, começou a desconfiar do seu melhor amigo, ao qual devia tudo, desde a soberania à própria vida!

O Santo Condestável devia tê-lo compreendido, e, enojado com tanta ingratidão, foi terminar os seus dias no Convento do Carmo que êle fundara com tanto carinho, prevendo talvez que ali deveria encontrar, um dia, o desejado refúgio.

Tinham-no julgado mal, muito mal, atribuindo-lhe vaidades e ambições de que nunca enfermara.

De resto, a sua missão estava cumprida. A Pátria havia sido salva. Por isso, e só por isso, se empenhara na luta.

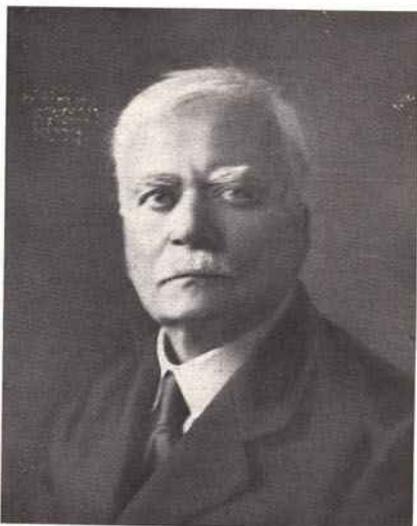
Que lhe importavam as grandezas mesquinhas da Corte, se a sua alma pairava acima de tudo isso?

A Pátria acima de tudo!



D. Nuno Alvares Pereira

(Quadro de Luciano Freire)



O presidente Zalmis

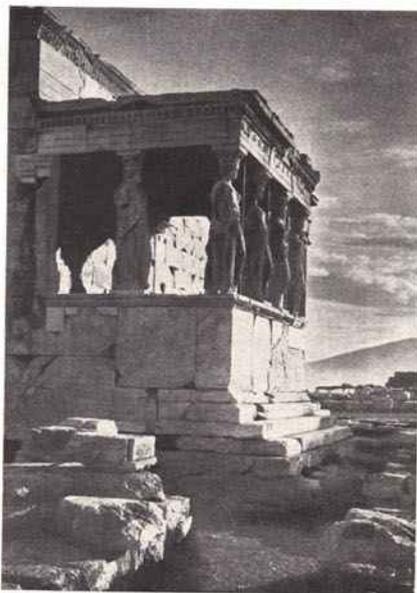
ravilhas arquitectónicas, sob pena de ser considerado um bárbaro pelo mundo inteiro. Diga quantas toneladas de chumbo precisa para nos atacar que tudo lhe enviarei, acto contínuo.

A promessa foi cumprida. O general turco recebeu, no dia seguinte, o chumbo de que carecia sem ser necessário destruir maravilhas insubstituíveis.

Há meses, perante uma crise política difícil de resolver, o presidente Zalmis apelou para o patriotismo de Tsaldaris, chefe do partido monárquico e o mais forte de todos. Solicitou-lhe o apoio de que a Grécia precisava naquele momento crítico sem prejuízo para as instituições vigentes.

Tsaldaris, o popularíssimo chefe do partido monárquico aceitou a presidência do governo, servindo a República sem abdicar dos seus princípios realistas. Acima de tudo estava o bem da Pátria.

Quando se deu a revolução venizelista, surgiu Condylis, o general formidável que pode ser considerado um legítimo sucessor dos heróis lendários da Divina Helade, seus antepassados. Tendo con-



As caríátides do Partenon

A Grécia, tendo sido o berço da civilização desde as eras mais remotas, continua a ser ainda hoje o mais belo expoente dos mais puros e elevados ideais.

Do seu patriotismo falam os velhos papiros numa linguagem tão eloquente que ainda nenhum outro povo a ultrapassou. Não será, no entanto, necessário procurar assunto nas estrofes sublimes de Homero, nem nas leis modelares de Sólon.

Ainda há pouco tempo, um general grego deu provas do seu grande amor pátrio quando da luta com os turcos que usurpavam o poder, subjugando uma nação prostrada pelos azares da guerra.

Os gregos tentavam libertar a sua Pátria. Num esforço prodigioso cercaram Atenas, colocando em grave aperto os invasores, senhores da cidade.

Escasseavam as munições aos soldados do sultão. Onde ir buscar chumbo para carregar as peças de artilharia? Os gregos avançavam sempre, apertando cada vez mais o assédio. Nisto, os turcos aperceberam-se de que os magníficos monumentos tinham por base grandes quantidades daquele metal. Pelo menos, as formosíssimas colunas do Panteon estavam chumbadas à sua base. Começaram a derrubá-las numa fúria vandálica...

Quando o general grego que comandava o cerco soube da sorte que estava destinada aos mais belos monumentos da sua terra, mandou emissários ao general turco com o seguinte pedido:

"Peço-lhe que não destrua ma-

L U Z ETERNA

A DIVINA HELADE

continua a dar luz ao mundo com o seu nobilíssimo exemplo

tribuído para a proclamação da República, não poderia consentir que a sua Pátria se envolvesse numa luta fratricida. Antes de tudo, ordem e calma. Depois, serenamente, o povo que escolhesse livremente o regime que mais lhe agradasse.

Esse herói que, durante a grande guerra, foi considerado invulnerável pois, entrando em dezenas de combates sangrentos, saiu sempre ileso por entre centenas de cadáveres que lhe embargavam os passos; esse bravo, cujo corpo as balas respeitavam, manifestava o culto pelo sistema de Demos.

O povo soberano que escolhesse. Vai efectuar-se o plebiscito afim de ser escolhido o regime a adotar.

A República?

A Monarquia?

Tsaldaris, monárquico de alma e coração, embora desejasse o triunfo do seu ideal político, não porá o mínimo entrave à vontade do povo.

Por sua vez, Condylis, tendo sido um dos fundadores da República, não se manifestará como seria de calcular com toda a vasta influência de que dispõe.

O povo que escolha.

Acima de tudo, para os grandes patriotas gregos, deve estar o bem da Pátria. As bandeiras partidárias são depositas em holocausto aos pés da Divina Palas.

Se Minerva, escolhendo o ramo de oliveira, triunfou sobre Neptuno que impunha a fogueira do cavalo, se foi daí que surgiu o nome eterno de Atenas, para que não respeitasse tão belas tradições?

Eis o ramo de oliveira, eis o símbolo da paz. Serenamente, o povo que manifeste a sua vontade, pois no fragor da luta não poderia haver raciocínio.

Que nobre exemplo para o mundo inteiro! Todos os povos deveriam profundar estes ensinamentos para robustecimento do seu patriotismo.

Não devem esquecer o nobre exemplo de Diógenes que patenteou o seu amor pátrio com uma eloquência formidável perante Alexandre Magno, o invasor.

E' certo que este cínico ridicularizou, Platão, soltando-lhe um galo vivo e depenado para o castigar da afirmação de que "o homem era um bípede sem pernas".

Quando o glorioso discípulo de Sócrates acabava o seu discurso, Diógenes soltou-lhe o galo

depenado que levava aconchegado ao peito cabeludo e gritou:

— Ai vai o homem de Platão!

Teve graça, lá isso teve, e, além da hilariedade espalhada entre a multidão, conquistou o triunfo que a lógica lhe concedia.

O homem, no fim de contas, era alguma coisa mais do que "um bípede sem pernas".

Era, pelo menos, êle, Diógenes, o intangível casto da barrica que, melhor do que Demóstenes, ávaro do dinheiro pedido por Laís, resistira às carícias feiticeiras da formosa hetaira ateniense.

Era êle que dera o maior exemplo de amor à sua terra ao tratar desdenhosamente o conquistador que invadira as cidades que lhe eram queridas.

Alexandre Magno tinha uma tão grande admiração por Diógenes que ao apoderar-se da sua terra, o procurou para o enaltecer e render-lhe homenagem.

Apresentou-se, portanto, diante da barrica do filósofo e disse-lhe:

— Diógenes, admire-te! Pede o que desejas que te concederei.

O filósofo encarou desdenhosamente o senhor do Mundo. Encontrava-se, naquele momento, a gosar uma réstea de sol, sen-

tado no rebordo da sua barrica. Em frente d'êle encontrava-se Alexandre Magno...

— Dize o que desejas — insistia o guerreiro — que tudo te concederei.

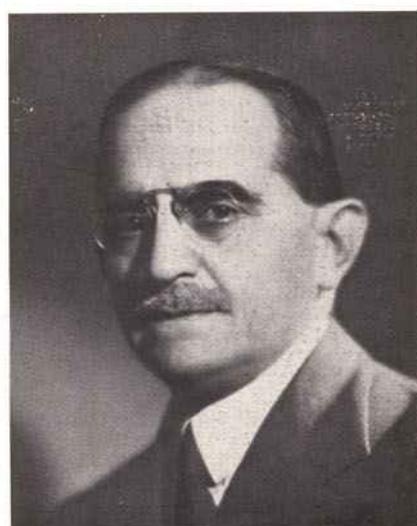
— Então — respondeu Diógenes que não perdoou nunca a violência da invasão — se me queres ser agradável, afasta-te daí afim de não me tirares o sol que é a única coisa que não me podes dar.

Aprendam os homens de hoje e tirem proveitos destes exemplos que são eternos.

A Grécia — a divina Helade — foi e há-de continuar a ser o cérebro consciente do mundo inteiro.

Actualmente, os homens que dirigem os seus destinos são coerentes com estes salutares princípios e tudo sacrificam em pro do bem da sua Pátria.

A imprensa de todo o mundo clangora aos quatro ventos que, dentro em breve, será restaurado o trono na Grécia, afirmando-se que será Jorge II o futuro soberano. Outros garantem que a coroa será colocada na frente dos duques de Kent. Balões de ensaio, no fim de contas. O povo grego ainda não manifestou a sua vontade.



Politis, alto diplomata grego

Monarquia? República?

Eis o que o patriotismo do povo helénico nos revelará dentro em pouco.

O governo de Atenas, fiel ao tradicional sistema grego, não oporá o menor entrave à vontade popular.

Portanto, apenas o patriotismo falará em toda a sua eloquência, dando, mais uma vez, um extraordinário exemplo ao mundo inteiro.

O Partenon iluminado



EVOCANDO WENCESLAU DE MORAIS

No dia 1 de Julho de 1928 faleceu no Japão o tão apreciado escritor português Wenceslau de Moraes, cujos livros são disputados a pêso de ouro não se compreende bem por que estranha medida que os faz rarear.

Quando a França divulga o seu Pierre Loti em edições consecutivas, em Portugal é tão difícil encontrar um livro de Wenceslau de Moraes como um diamante negro. Pois o Japão acaba de dar-nos um grande exemplo.

Segundo um telegrama de Tóquio, efectuou-se uma grandiosa homenagem ao grande escritor português. Sob os auspícios da Prefeitura e Câmara Municipal de Tokushima, e com o valioso concurso dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Instrução Pública do Japão realizou-se naquela cidade nipónica uma cerimónia comemorativa do 7.º aniversário da morte do escritor português que tanto amou o Império do Sol Nascente. Sobre as suas obras foram realizadas conferências com a assistência de individualidades da mais alta categoria social e intelectual, numerosas associações e autoridades locais.

Qual foi a vida de Wenceslau de Moraes no Japão?

Éle próprio a descreve numa espécie de autobiografia em que se faz seguir por si mesmo.

"O sujeito — diz êle — vestia um modesto fato de flanela azul, mal justo ao corpo, amarrotado e poeirento, com fatura de pêlos de gato colados á felpa da fazenda; fazendo vêr que jámais mãos cuidadas de mulher o sacudiam e compunham. Na cabeça, um boné cinzento. A mão rugosa apoiada a uma grossa bengala. Os cabelos, compridos e anelados, caíam-lhe pelas costas. Uma longa barba inculca emoldurava-lhe o rosto, ondulando por vezes ao vento. Os cabelos ainda eram loiros; a barba quasi toda branca, mas desse branco tirante a côr de palha, que nunca atinge a completa alvura em certas barbas, que foram loiras noutra tempo. Grenha e barba eram as feições predominantes, incontestavelmente grotescas; as outras como que se escondiam, envergonhadas, naquela floresta de cabelos. Que idade tinha? sessenta e cinco anos? setenta? mais ainda?... A fronte lívida, lavrada de profundas rugas, com grandes intumescências serpentinias a marcarem as artérias temporais, o lume mortiço do olhar, nada indicavam de preciso.

"O sujeito ia avançando mui de manso com movimentos incertos, de homem gasto de intuitos e de forças. Ia fumando um cigarro. De quando em quando, lançava vistas distraídas para a esquerda, á vegetação densa da serra, sobre a qual então um bando de corvos esvoaçava, granando os seus amores. Passando junto dos gaiatos, que àquela hora abundam, uns berravam-lhe: — *Ketô-jin!* (selvagem barbudo!) — outros, por troça, faziam-lhe a continência militar, deitando a língua de fóra ao mesmo tempo. Até as raparigas ensaiavam idênticos gestos de motejo; mas... tão gentil é o mimo do seu sexo no Japão, que o mesmo motejo se transformava em graça e tinha ares duma carícia. O velho sorria ligeiramente a tudo aquilo, não sei com que intenção, se agradecido, se irritado; mas, duma vez, vi eu que a mão se estendeu sobre a cabeça duma pequenita, afagando-lhe de leve o cabelo de azeviche.."

Descreve depois a entrada no cemitério, vai indicar as sepulturas das suas queridas amantes O'-Yoné e Ko-Haru, e salienta:

"Saiba agora que é neste mesmo cemitério de Chiyo-on-ji onde desejo se dê, um dia, sepultura às minhas cinzas, após a cremação, como é de uso aqui; não isoladas, acompanhadas de outras cinzas; curioso é confessar-lhe — ria-se da puerilidade — que, embora habituado à solidão durante muitos anos, a solidão tumular causa-me horror. Quando vim para Tokushima, dos dois túmulos que lhe apontei só se erguia o túmulo de O'-Yoné. Ocorreu-me então a ideia, de que, junto das cinzas dela, debaixo da mesma loisa, as minhas encontrariam bom abrigo; mas foi-me antecipadamente negado tal favor pelos parentes próximos — mãe e irmão — que irromperam em vociferações de fúria religiosa como se se tratasse dum sacrilégio, duma ignóbil poluição... caso que constitui o exemplo mais frisante de intolerância racial, que o Japão, em longos anos de experiência, tem oferecido ao meu exame. Tempos depois, morre Ko-Haru, erguendo-se então para ela a sepultura que está vendo. E, vai daí, pergunto eu à mãe: — "E você também nega às minhas cinzas o túmulo de Ko-Haru?" — Não, não o nega, promete-me. Bem, ficou êste negócio de reserva, para ser regulado em tempo próprio; mas confesso que semelhante promessa mui pouca confiança me mereceu. Pouco



Wenceslau de Moraes

depois, morre o pai de Ko-Haru. Pouco depois, morre o filho de Ko-Karu (a morte mostra predilecção por aquela pobre gente). E zás! e zás! por duas vezes o túmulo de Ko-Haru se abre e recebe aqueles dois acréscimos de cinzas mortuárias; não que a mãe mo dissesse, como fôra talvez de boa cortezia, mas eu próprio dei fé dêstes manejos, por haver surpreendido sôbre o túmulo sinais frescos dos ritos prestados aos dois últimos mortos. E ponho-me eu a pensar: — Ora, esta mãe de Ko-Haru, levada pela miséria em que vive, pela incúria em que vive, pela indolência e apatia que professa em todos os incidentes da existência, é talvez uma espécie de livre pensadora, desabusada de preconceitos, de superstições, de tudo. Para ela, o túmulo da filha é como que o barril do lixo do cemitério de Chiyo-on-ji, onde se julga com direito de vasar todos os detritos que lhe sobram, isto é, as cinzas de todos os seus mortos... Um punhado de cinzas a mais — as minhas — não será coisa que destõe enormemente, nas circunstâncias referidas; especialmente se o favor fôr gentilmente retribuído com algumas moedas de prata do meu espólio. Começo, pois, a acreditar na sinceridade da promessa recebida e a convencer-me de que, talvez, mais uma vez o túmulo de Ko-Haru se abrirá, um dia, para então receber os meus despojos...

"O velho fez um gesto de quem nada mais tinha a dizer-me. Compreendi-o. Estendi-lhe a mão em sinal de despedida, dei-lhe o meu nome e perguntei-lhe o seu. Sem hesitações, respondeu-me: — Wenceslau de Moraes.."

A MORTE DE D. ESTEFANIA

HOUVE em Portugal uma rainha que, morrendo no desabrochar da sua radiosa mocidade, é lembrada ainda hoje com veneração e respeito pelo povo que é, no fim de contas, o mais sincero historiador.

Foi D. Estefânia de Hohenzollern Sigmarigen que, tendo a beleza duma rosa, pouco mais viveu do que as efémeras rosas de Malherbe. Finou-se em 17 de julho de 1859 — faz agora 76 anos — quando ainda durava a sua lua de mel!

Entrára em Lisboa, numa linda manhã de abril, pelo braço do duque da Terceira que a fôra desencantar ás margens do Dussel.

Meses depois, a formosa princesa descia á sepultura arrebatada por uma doença de poucos dias. De que morreu?

Mistério...

Foi tão verdadeiro, tão espontâneo e tão sentido o pesar do povo pelo luto do soberano que este, escrevendo uma carta ao presidente do conselho, exprimia o seu reconhecimento nestas palavras em que se revela uma alma profundamente amargurada pela desventura e penhorada pela gratidão:

“Nos quatro anos do meu reinado — diz D. Pedro V — eu e os meus povos têmos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciência que nunca os abandonei. Não me abandonam êles hoje, que procuro um conforto, e quasi o não encontro, senão na religião, que manda crêr e esperar, e nas lágrimas que se confundem com as minhas”.

Sangrou muito tempo a ferida aberta no coração do monarca por esta súbita catástrofe, e nunca mais se lhe apagou da memória a imagem da esposa que perdera, e que tanto adorava.

Distribuindo prêmios aos alunos da Escola de Mafra, e recordando que, no ano antecedente, presidira à cerimónia a rainha, terminou a sua alocação com estas palavras repassadas de tristeza e de saudade:

“A solenidade que para vós é uma festa, é para mim uma lutuosa comemoração. É hoje o aniversário da única distribuição a que presidiu a rainha, minha companheira e amiga dos pobres. Nenhuma dôr é igual á de recordar na desgraça os tempos felizes! Oraí pelo descanso daquela que fôra vossa protectora, que ontem ainda, flôr pendida sobre o sepulcro, folgava com as nossas alegrias, como eu sei que folgava!”

Houve quem comparasse este desventurado soberano ao seu antepassado D. Duarte, pois em tudo se lhe assemelhava.

D. Duarte começou o seu reinado, encontrando-se o país assolado por uma terrível epidemia. D. Pedro V, ao ocupar o trono, viu o Algarve devastado pelo *cholera-morbus*, a febre amarela que não perdôa.

D. Duarte foi exemplar na vida privada e notabilizou-se pela sua inteligência, sendo bem merecido o cognome de *Eloqüente* que a História lhe concedeu. Todas estas virtudes floresceram em D. Pedro V. Ambos foram escritores e reinaram o mesmo número de anos.

Para D. Duarte foi motivo de grande máguia a perda de seu irmão D. Fernando no cativeiro de Fez.

Para D. Pedro V, a morte de sua esposa D. Estefânia foi o maior desgosto que o torturou até á sepultura. Ninguém lhe conheceu alegria nem saúde após a perda da sua querida companheira que parecia estar a chamá-lo do céu a todo o momento.

D. Duarte morre de peste, em Tomar, para onde tinha mudado a côrte, e D. Pedro V morre também, segundo, a opinião dos médicos, das febres malignas que grassaram no Alentejo.

Finalmente, cita-se um eclipse assombroso que precedeu a morte de D. Duarte como um aviso terrível. Pouco antes da morte de D. Pedro V, surgiu um cometa como que a anunciar o lamentável fim do monarca muito amado.

Mas afinal de que morreu D. Pedro V?

O último boletim médico era garrujado nestes termos:

“Sua Majestade o Senhor D. Pedro V continuou durante a noite com sossêgo; pela uma hora tornou a mostrar tendência para dormir; êste sôno acompanhado por algum tempo de reacção regular, foi-se sucessivamente convertendo em estado comatoso, o pulso descaído, as forças abatendo: o estado de Sua Majestade é gravíssimo.

Paço das Necessidades, 11 de Novembro de 1861, ás nove horas da manhã. — Barão



D. Estefânia

da Silveira, Barão de Kessler, dr. Bernardino António Gomes, dr. Francisco António Barral, dr. Simas, António Maria Barbosa, Manuel José Teixeira”.

De que morreu afinal o soberano?

Nunca se soube ao certo. O povo gritava que tinha sido envenenado, mas, pouco depois garantia-se que a autópsia feita ao régio cadáver não acusava a acção de qualquer tóxico por mais subtil que fôsse.

Esta afirmação — saibam-no agora — não era verdadeira. Quando os médicos encarregados do embalsamento procederam á sua missão limitaram-se a meter num frasco as vísceras do soberano sem se preocuparem com a sua análise. O frasco encerrado num cofre de veludo preto foi conduzido durante a noite ao Panteão de S. Vicente e ali se encontra junto de outros dois idênticos referentes a D. João V e D. João VI.

Porque não fizeram a autópsia? E mais grave ainda porque pretenderam iludir a opinião pública que se encrespava já contra o Loulé, culpando-o de ter envenenado o soberano, os seus irmãos e até a pobre D. Estefânia?

Ou morto pelo venêno propinado por mão criminoso, ou pela doença hereditária que devastou toda essa família, ou ainda pelas tais febres malignas contraídas na visita ao Alentejo, o corpo de D. Pedro V tinha direito a ser autopsiado, tanto mais que não faltavam médicos abalisados.

Porque não se fez a autópsia?

Eis uma pergunta que não encontrará facilmente a resposta que pretende.

Não queremos acreditar na culpabilidade do duque de Loulé que o povo apontava como o envenenador da família real portuguesa. Desejariamos que, para dissipar dúvidas, fôsse mostrada ao público tôda a verdade em face de provas irrefutáveis.

Assim quando D. Luiz chamou o Loulé para um cargo de confiança, a fim de provar-lhe que acreditava na sua inocência, uma tal prova não poderia ser tomada de qualquer maneira equívoca.

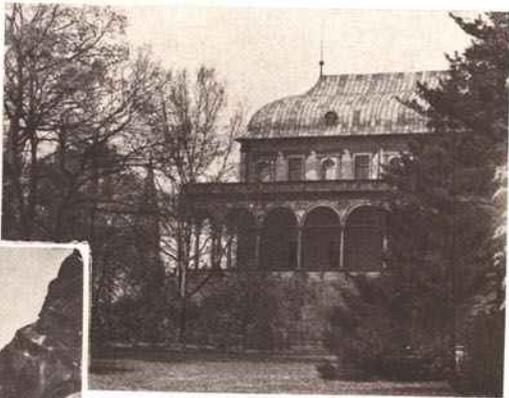


D. Pedro V



exemplo, Coppoli — porta-voz do Duce de tempos a tempos — exprimiu os seus receios em termos violentos num artigo do *Giornale d'Italia*. Mas o dr. Benés teve ocasião, nas suas declarações em Moscovo, de frisar, que uma ressurreição do panslavismo — o qual poderia ser, de facto, terrível para o futuro da Europa — não teria justificação e também que não se deve ver na assinatura dum Estado

N.º esquerda: o pórtico da catedral de São Víto, em Praga; em baixo: residência de verão da rainha Ana. (Fotos Centropress)



Há um mês, a população votante da Checo-Eslóvaquia acorreu aos colégios eleitorais à consulta do Governo.

Já dias antes do plebiscito, o Governo checo-eslovaco ajustara um Pacto de assistência mútua com a Rússia Soviética. Depois, o dr. Benés, ministro dos Negócios Estrangeiros, passou uns dias em Moscovo, na companhia de Staline e Litvinoff.

Uma parte da imprensa mundial viu na aproximação de tal intimidade entre os dois países de línguas eslavas a ressurreição de planos panslavistas, que foram já razões essenciais da Grande Guerra e coveiros da monarquia austro-húngara. Era sobretudo, além de diversos jornais alemães, a Imprensa italiana onde, por

Em cima: Um trecho da cidade velha; à direita: a Porta da ponte sobre o Melnik, durante a noite

burguês, democrático e capitalista sob um tratado com um Governo soviético, uma inclinação para ideias comunistas.

Nas esferas políticas de Praga deseja-se apressar a conclusão do compromisso danubiano, ao mesmo tempo que Benés estimula a consolidação entre o reino romeno, o Estado jugo-eslavo e a República checo-eslovaca.

Se algum país vive no momento presente para



O momento internacional

A política externa da Checo-Eslóvaquia

A contribuição do dr. Benés para a organização da Europa Central

a política internacional é a Checo-Eslóvaquia, Estado que está ajudando com felicidade a organização da Europa Central. Muitos, e portanto muito complexos interesses, necessita conciliar; mas é Benés quem dispõe os seus excelentes talen-

tos de estadista e diplomata para conseguiu-lo com o protocolo franco-italiano de Roma. A aproximação entre a Pequena Entente e a Itália é notória e facilitará a compreensão danubiana que a todos preocupa.

Contra Benés actua, em primeiro lugar, o revisionismo húngaro que é quasi uma ressaca do post-guerra. Ir contra ele ou atravessar-se-lhe no caminho é difícil e Benés manobrou neste ponto com grande prudência.

As relações entre os gabinetes de Praga e Viena, em consequência duma entrevista entre os dois ministros dos Negócios Estrangeiros, Benés e Berger-Waldenegg, realizada em Tabor há algumas semanas, são menos tensas do que até agora, e talvez se normalizem por completo.

O Pacto de assistência mútua com a



N.º esquerda: As colonatas de Karibáb, termas de reputação mundial e um dos centros da população alemã

Em baixo: O Spišberg, velha fortaleza que domina Ilava, capital da Morávia e principal cidade do país depois de Praga

Rússia Soviética é idêntico, tanto na letra como no espírito, ao que Paris e Moscovo ajustaram entre si. Mas há mais: é que no protocolo entre Praga e Moscovo estipula-se estritamente que os compromissos de assistência mútua entre as partes contratantes só devem entrar em acção na medida em que o Pacto franco-russo o prevê, e por conseguinte na medida que a França adopte quando gradue a ajuda que tenha de prestar ao Estado vítima duma agressão.

A Inglaterra e a Itália reconheceram oficialmente que os Pactos franco-russo e checo-russo respeitam as obrigações contraídas pelas Potências signatárias do Tratado de Locarno, uma das quais é a França. Conta, pois, a Checo-Eslóvaquia, em virtude do novo compromisso com Moscovo, com o apoio da França a Oeste e com o da Rússia a Leste, ou seja com

o apoio das duas nações de Exércitos mais poderosos entre todos os do continente.

A obra da política exterior da Checo-Eslóvaquia não seria fecunda se a política interior do país a não sustivesse e corroborasse. Até agora, em seis anos, apenas três gabinetes se sucederam no poder em Praga: o de Udrzal, que se demitiu em 1934 e os dois de Malypetr.

Convenhamos em que, a não ser na Inglaterra, em país nenhum em que o sistema parlamentar funcione normalmente se dão casos de estabilidade de governamental como o da Checo-Eslóvaquia.

O facto é tanto mais significativo quanto é certo que a maioria no Parlamento checo-eslovaco não é homogénea. Está constituída por uma vasta coligação em que figuram agrários, populares-católicos, socialistas nacionais, — que é o partido de Benés — socialis-

-democratas e artífices — todos Partidos integralmente checos — e, por fim, socialistas-democratas alemães.

As últimas eleições alteraram a distribuição e proporção dos Partidos de maneira

muíto insignificante. As direitas ganharam algumas vantagens, mas os fascistas checos ficaram totalmente derrotados. O Partido católico alemão do país deixou de participar no poder, e passa para a oposição; o Partido dos artífices entra agora para a coligação.

Uma novidade importante se registou que é a entrada na contenda do Partido alemão do chefe Henlein, que reúne os antigos Partidos socialistas-alemães e os que são impedidos pela rajada "nazi".

W. M. Ullmann — Viena



IMPRESSÕES DE LONDRES

O relógio mundial

LONDRES é sem contestação possível uma das mais interessantes cidades da Europa.

É das capitais mais freqüentadas, aquela que deixa uma mais funda impressão.

Roma é por assim dizer a capital da nossa alma. Para os católicos praticantes, Roma é o centro da vida espiritual. No Vaticano reside o Vigário de Cristo na terra. Nas catacumbas vemos as casas dos primeiros cristãos, desses perseguidos e mártires, que com a sua profunda fé e com o seu sangue cimentaram os alicerces da Religião. No Coliseu ouvimos o seu grito de agonia.

Em S. Pedro vivemos a vida gloriosa do apóstolo a quem Nosso Senhor entregou a sua Igreja. Em tôdas as suas igrejas, e tantas e tão belas elas são, sentimos a influência que o misticismo teve na Arte, que levou ao cérebro humano e às mãos dos artistas a faculdade de encher o mundo de tão belas coisas.

Nos seus museus sentimos perpassar a grandiosidade do Génio, nas obras primas, que admiramos. Nos seus jardins há ainda rajadas de paganismo que nos atiram para a antiguidade, para o fundo dos séculos.

Na sua sociedade tão acolhedora, nesses palácios de telas maravilhosas que Guereino, Damonestino, Guido Reni e tantos outros artistas enriqueceram é a Renascença que se apodera de nós, e sentimos-nos transportados, para a grandeza de outros tempos.

A sua vida moderna, as suas noites de Ópera, os esplendidos bailes surpreendem-nos como anacronismos.

Paris é a cidade do espírito, é a cidade por excelência a mais bonita talvez que há, a que possui a mais linda perspectiva, que se estende das Tulherias pela Praça da Concórdia, Avenida dos Campos Elisios, Avenida do Bosque de Bolonha e que nos leva a esse lindo bosque que é o centro da vida elegante da cidade, com a sua Avenida das Acácias, os seus restaurantes elegantes e nesta época os seus "dancings," ao ar livre que são tudo o que há de mais requintado.

No Louvre a Arte deslumbrá-nos, na Sorbonne as conferências sucedem-se, verdadeiro regalo do espírito. Nos "boulevards," a moda deslumbrá-nos nessa tentação viva, que são as montras das suas lindas lojas, mas Paris é bem uma cidade francesa, é uma capital cosmopolita. Falam-se tôdas as linguas, vêem-se todos os usos e todos se sentem um pouco na sua terra.

Paris é uma cidade de toda a Europa, aberta a todos, onde todos os espíritos se adaptam, onde há vida para todos os gostos.

É este um dos seus encantos, mas é também um dos seus defeitos.

Os seus hábitos americanizados, pelos imensos americanos, cheia de russos que lhe infiltram pouco a pouco os seus costumes de eslavos fazem-lhe perder a sua característica francesa.

Londres é bem a capital da Inglaterra. A sua vida é feita para os ingleses, é para uso interno e não o cenário dum palco onde se representa para atrair o público: que é o estrangeiro.

Esse estrangeiro que chega com os seus hábitos para assistir ao espectáculo é que pouco a pouco a vai distinguindo sobre o que existe.

Londres impõe aos de fora os seus hábitos e está talvez nisso a atracção que exerce.

A elegância da sua vida é bem inglesa e desde pela manhã no "raid," de Hyde "Park," até à hora elegante do chá, tão caracteristicamente inglesa, que reúne nas casas particulares, nos "tea-rooms," pública, nos fechados "clubs," toda a sua população estável ou flutuante, que leva a elegância da "toilette," para o jantar e para a noite e em toda a parte ao maior rigor, fazem com que as ruas de Londres depois de certa hora sejam o último baluarte da elegância europeia.

É essa elegância influe nas maneiras e nos hábitos de todos os que a habitam ou que a visitam.

As horas de Londres são sem dúvida as mais elegantes horas do mundo e é talvez por isso, que a T. S. F. impõe pela Rádio as suas horas.

O "Big Ben," o grande relógio da torre de Westminster, faz soar as badaladas sonoras do seu bronze através do mundo inteiro, á meia noite. Esse elegante corucheu, que se perfila à beira do Tamisa, ao lado do Parlamento, o único parlamento sério que ainda existe, restos duma parte da história da Europa, impõe as suas horas duma maneira dogmática, mas simpática.

O "Big Ben," está convencido que as suas horas são as mais certas do mundo, como o inglês está "de que a sua concepção da vida é a melhor. E talvez tenha razão.

Eu nunca esquecerei a primeira vez que ouvi a sua voz de bronze soar através da noite quando eu atravessava a ponte de Westminster.

Cheia de som, imperativa, era no en-



tanto uma voz conhecida, essa voz que tão longe tinha ouvido. E parecia-me um impossível, um verdadeiro sonho, que fôsse o som verdadeiro do mundial relógio de Westminster, que dava as badaladas da meia noite, tão perto de mim.

Hora em que as mulheres elegantes, nas suas deslumbrantes "toilettes," de noite, e os homens nas suas inigualáveis casacas dum irrepreensível corte, recolhem a casa ou dançam num confortável "dancing," com a gravidade com que tudo se faz nessa cidade em que há alegria.

Uma alegria recolhida de gente que se sente bem, não essas gargalhadas desentoadas da "divette," de café concerto, que quere à força comunicar a todos os espectadores a sua falsa alegria, que esconde muitas vezes a mais negra, a mais desamparada das tristezas.

O povo londrino tem por este relógio um carinho especial. Gosta de ouvir as suas badaladas graves e límpidas repercutirem-se sobre a cidade. E mesmo quando está longe não deixa de o escutar, reproduzido pelo receptor radiofónico.

É para desejar que o "Big Ben," o relógio que em toda a parte se ouve, o relógio mundial, pelo qual a humanidade se regula, continue a fazer soar o seu bronze sonoro, para uma humanidade melhor, que viva em paz; com essa alegria serena e forte dos povos conscientes que vivem felizes, confiados e satisfeitos. Que a Rádio transmita o seu som num sossêgo completo.

Maria de Eça.

ESTRANGEIROS NO ESTORIL



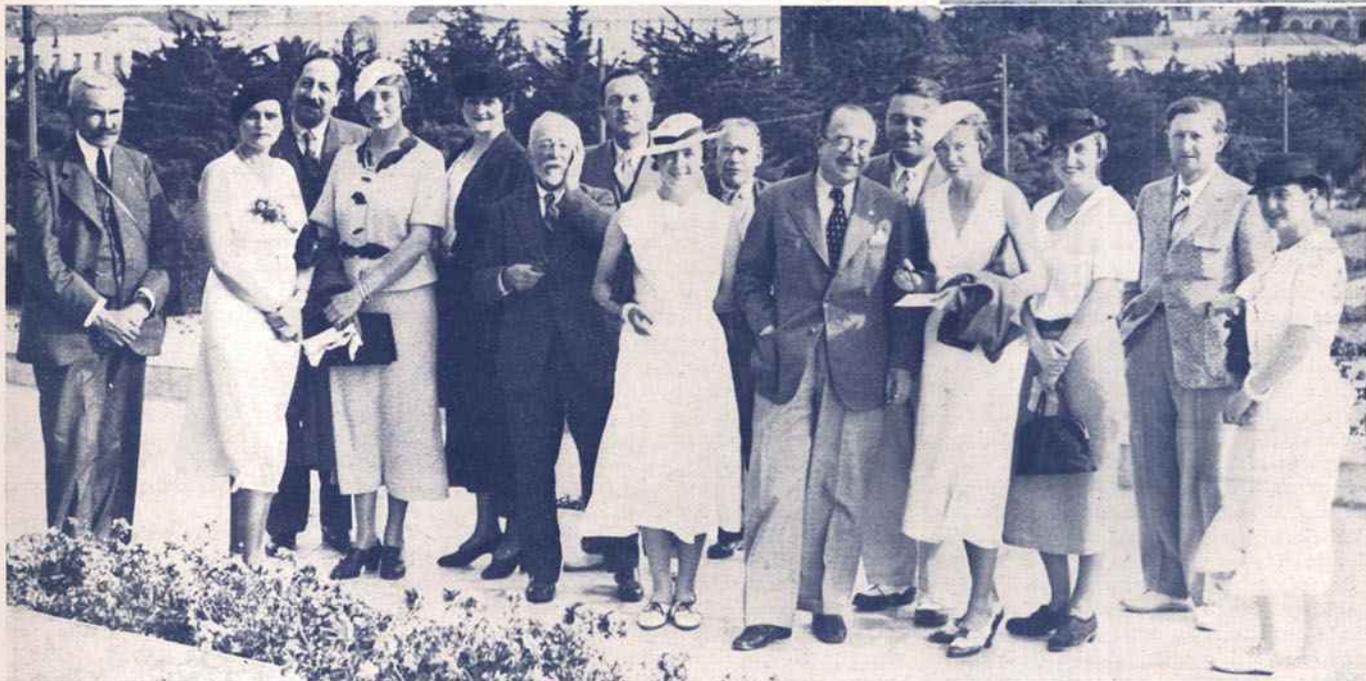
Com o seu adorável clima e as suas magníficas instalações, o Estoril continua a ser o melhor traço de união entre o nosso país e o resto da Europa. Ali se reúnem turistas do mundo inteiro, atraídos por uma propaganda inteligente. E ao retirarem-se para os seus países, todos eles se queixam apenas de terem sido vencidos pela sedução da bela estância, que obriga muitos a demorarem-se mais do que tencionavam e donde se parte sempre com saúde.

As recentes Festas da Cidade trouxeram à nossa formosa Costa do Sol mais um grupo de hóspedes ilustres, alguns dos quais tributaram já na Imprensa estrangeira o preito de homenagem a que ela tem direito.

As gravuras que ilustram esta página mostram algumas individualidades em relêvo durante a sua estadia no Estoril. No oval, ao alto do lado direito, vemos os grandes escritores espanhóis Miguel Unamuno e Wenceslao Fernandez Flores.

Na gravura que encima estas linhas vêm-se os escritores Georges Duhamel, André Mauriac e Jules Romains, acompanhados por senhoras de sua família. Ao lado, Georges Duhamel e sua mulher, tendo Jérôme Tharaud ao centro, encaminham-se para o banho.

Finalmente, na parte inferior da página vê-se um grupo de turistas, sócios do automóvel Club de Périgord que vieram em excursão até ao afamado Estoril.





A FEIRA DO LIVRO

Dos seus benefícios que o público reconheceu até os pombos do Rossio aproveitaram

Duarte Galvão, Rui de Pina, Gomes de Brito, Garcia de Rezende, Frei Bernardo da Cruz e tantos outros e faz-se uma fogueira com eles. O lume tudo purifica. Ardem as crónicas com tôdas as suas traças, com todo o seu caruncho, com todo o seu bolór e com tôdas as suas frases arvevezadas por vezes que levam muito tempo a soletrar. E, já agora, para se não ficar a rir, Herculano irá também dar pasto às chamas. Depois, qualquer idiota está no seu direito de escrever uma história a seu jeito e a gritar como um cabrito desmamado: «Em Portugal nunca se escreveu uma história capaz. Tudo o que até agora tem aparecido é falso e parcial. Acabo de realizar uma obra perfeita que, além de cultivar o espírito, pode ser utilizada na extração de nódulos, cáculos de toda a espécie, e para alívio imediato das almorceiras!»

N' esquerda: Via-estanda das Livrarias Bertrand e Parreira-Brasão. Em baixo: O sr. José Afra, comandante em chefe da Feira do Livro, em pleno certame



A Feira do Livro obteve este ano uma extraordinária concorrência, patenteando mais uma vez que o nosso público gosta de ler e instruir-se. Quando mais não fôsse, esta convicção compensaria todos os esforços e tôdas as cansieiras que a comissão organizadora teve para levar a cabo a sua missão.

Não podemos deixar de recordar a acção entusiástica exercida há cinco anos pelo sr. almirante Augusto Osório, esclarecido espírito europeu e homem do Mundo, que escrevendo ao sr. José Afra, lhe deu a idéa da organização duma Feira do Livro, à semelhança do que se fazia lá fora. O alvitro foi acolhido com entusiasmo e teve realização imediata. Portanto, os nomes do almirante Augusto Osório e de José Afra não podem ser esquecidos sempre que se fale de Feiras do Livro em Portugal.

A este vasto mercado de pão de espírito afloram muitos milhares de pessoas durante os dezaneos dias da sua duração. Mais do que nunca o público lisboeta fortaleceu a máxima de Cristo: «Não é só de pão que vive o homem».

As obras que tiveram mais procura foram as de Herculano, Camilo, Eça de Queiroz e Júlio Diniz. Isso provou que o povo português não liga a menor importância aos «inovadores» dispartados e futurísticos que, para evitarem o arido duma banalidade que só a chôco nos seus crânios vazios, engendram livros em forma de antena com o correspondente dinamismo de parvoçadas, e insultam os mestres eternos, negando talento a Victor Hugo, a Zola, a Anatole France que, em sua opinião, eram uns insignificantes rabiscadores de fêrias, embora com lampejos duma certa habilidade, de vez em quando.

Esses tais «inovadores» não conseguiram vender um único livro seu, podendo até dizer-se que nem mesmo de graça, à guisa de brinde por compras feitas, o público os aceitava.

Portanto, a Feira do Livro foi mais do que um mercado útil aos editores; constituiu um plebiscito a que o público concorreu com a mais elevada «altura cívica».

Segundo os editores concorrentes, a Feira foi mais concorrida do que nos anos anteriores, podendo conjecturar-se, consequentemente, que, para o ano, mais concorrida será. E poderemos afirmar também que os autores mais procurados

continuarão a ser Herculano, Camilo, Eça e Júlio Diniz, apesar da tal «banalidade» que tanto preocupa os «inovadores» farralhões e ôcos.

Estes parvajolos pretenciosos não querem ver que o maior livro da Humanidade é, e há de continuar a ser, a Bíblia, apesar de todos os seus séculos de existência.

Qualquer dia, aparece um dêsse Marinettis a fazer um Bíblia Nova, na intenção de ofuscar os ensinamentos de Moisés, os cânticos de Salomão, as lamentações de Jeremias, a ira redentora de Ezequiel e o doce evangelho de Jesus. Tudo isso já passou e nada vale, portanto. Urge fazer um Bíblia paradoxal com o tal recorte literário do modernismo, e então, sim, terá surgido a redenção da Humanidade.

Quanto a teatro, ponham fora das fronteiras do Globo os srs. Shakespeare, Ibsen, Almeida Garrett, reduzindo-se o polbre Gil Vicente à sua modesta condição de lavrante de prata. Pirandello vale mais do que todos esses decrépitos fazedores de peças.

Em poesia, para que perder tempo com Homero, Virgílio e até com Horácio e Ovídio? O próprio Camões já deu o que tinha a dar. Os tais «inovadores» idiotas têm mais e melhor. Poetas e poetisas que metem num chinêlo os talentos de Anacreonte e de Sapfo.

Como deverá ser escrita a História? Muito facilmente. No que diz respeito a Portugal, pegasse nos nossos amigos Fernão Lopes, Azurara

meira, continúa a preferir os velhos cronistas, a ler com aprezamento as obras dos mestres eternos e a saudar o sol, mais velho do todos eles.

Dizia um grande escritor inglês que «todo o homem no seu meio, que concebe um grande pensamento, serve-se do produto de milhares de pensadores que viveram antes dele; cada livro escrito não é o livro duma individualidade, mas sim o trabalho, a vida dos que morreram, que brotam nas suas páginas».

Agora não sucede assim. Esses talentos da última hora aproximam-se das páginas imortais de sempre, e, como um colega turbulento que, às escondidas do professor, apagasse na ardósia qualquer douto ensinamento, gritam-nos com voz apalhadada o seu engenho nunca visto desde que o mundo é mundo.

Estes literatelhos, arremedando o feito de José, quiseram fazer parar o sol.

Mas o público continua a afluir à Feira do Livro e a preferir as grandes obras dos grandes escritores, pois são as únicas que se dão com as virtudes da raça.

Quando mais não fôsse, repetimos, só por isto, a Feira do Livro compensou todos os sacrifícios da sua comissão organizadora.

No dia do seu encerramento, foi oferecido, por feliz proposta do sr. José Afra, illustre presidente da Comissão Organizadora um «milho de honra» aos pombos do Rossio que, durante os

dezaneos dias que a Feira durou, não esboçaram o menor protesto pela invasão dos seus domínios.

Assim se fez. Estando presentes os srs. general Daniel de Sousa e o seu ajudante capitão Sardinha Frazão, tenente-coronel Pereira Coelho, o nosso camarada Gomes Monteiro, José Afra, João Araújo Moraes e António Maria Pereira, os pombos foram contemplados com alguns litros de milho.

Era vê-los em bandos, para junto da estatua, arremetendo uns contra os outros, para caírem gulosamente sobre o milho ambicionado.

Alguns menos respeitosos, saltaram para os ombros das gentis senhoras que distribuíam o manjar colomboino.

Foram elas as senhoras D. Maria do Céu Veiga da Cunha e D. Maria José de Oliveira, do «stand» do «Diário de Notícias»; D. Alice Martins, do «stand» da «Portugalia»; D. Leonor Rodrigues, do «stand» da Livraria Minerva, e D. Beatriz de Almeida, do «stand» n.º 28.

Mais uma vez a graça dos portugueses, oportuna na crítica aos acontecimentos, não quis que



Dois aspectos do «Milho de Honra». A esquerda: S. Eça de Queiroz a ser servido. Em baixo: em pleno festim

o «milho de honra» ficasse sem comentário jocoso.

Ao sr. José Afra enviou um anónimo que verseja facilmente uns saborosos versos em nome dos pombos do Corpo Santo, do Terreiro do Paço, do Camões, do Carmo e da Estigela, de tôdas as praças enfim que eles animam com a sua esbelteza irrequieta, protestando em «carta-aberta», contra a «íniqua injustiça de não terem sido contemplados».

Só há que louvar a Associação dos Livreiros pela iniciativa, que reclama continuação.

O sr. general Daniel de Sousa felicitou efusivamente o sr. José Afra, presidente da Comissão Organizadora da Feira do Livro,



D. Virgínia Victorino e D. Palmar Bastos na Feira do Livro

pela maneira como este certame decorreu, difundindo a instrução, e ainda pela simpática ideia do «milho de honra» oferecido aos pombos.

Mais uma vez se cumpriu o salutar ensinamento do evangelho de Jesus.

O meigo Rabi galileu dizia no Sermão da Montanha:

«Olhai para as aves do céu, que não semeiam nem segam, nem fazem provimentos nos seixos; e contudo o vosso Pai Celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?»

«E qual de vós discorrendo pode acrescentar um côvado à sua estatura?»

«E porque andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam; digovos mais que nem Salomão, em toda sua glória, se cobriu como um dêsse!»

Com efeito, para que devemos embrenhar-nos numa azinhaga de ódios, de cubiças, se todos temos marcado um lugar neste mundo que, sendo tão pequenino, é suficientemente espaçoso para todos?»

Se às próprias aves não faltou nunca o sustento, como poderá faltar êle aos homens se todos contribuírem para o bem geral? A Feira do Livro deu o mais salutar exemplo, espalhando o pão do espírito, e oferecendo, por fim, o «milho de honra» aos pombos do Rossio como que a rematar com um fecho simbólico.

Bem haja a acção da Associação dos Editores e Livreiros de Portugal pela sua simpática iniciativa que vai sortindo, de ano para ano, os seus benefícios efêtos. E, já agora, devemos ter em conta que o povo português não é tão ignorante como para se apregoa. A prova é que compareceu com entusiasmo a fazer a sua provisão de instrução, como toda a gente viu!



UM primo de Calino resolveu fazer um seguro de vida. Dirigiu-se a uma companhia, expôs o seu desejo e foi imediatamente submetido, como é natural, a uma inspecção médica.

Depois de o ter auscultado, o facultativo faz-lhe algumas perguntas acerca de doenças anteriores e possíveis hereditariedades.

— Seu pai de que morreu?

— Coitado! — suspirou o candidato — Tinha apenas quarenta anos quando a maldita tuberculose o levou...

— Diabo! E sua mãe?

— Faleceu dois anos depois com uma úlcera no estômago.

Como é de prever, o médico enviou o seu relatório à Companhia e esta recusou-se a fazer o seguro.

Aborrecido com o caso, o nosso homem encontrou um amigo e contou-lhe o que se passara.

— Mas fizeste uma grande tolice. É preciso que sejas completamente idiota para ires contar isso dos teus progenitores.

— Que devia então ter dito?

— Ora... Que morreram sem doença contagiosa numa idade



muito avançada. Tanto mais que ninguém se dará ao trabalho de apurar se é verdade.

— Tens razão! — reconheceu o primo de Calino, para quem estas palavras constituíram uma revelação.

E logo formou o projecto de repetir a tentativa junto de outra Companhia de seguros.

Submeteram-no ao regulamentar exame médico e não tardou que lhe fizessem as sacramentais perguntas. Mas desta vez o nosso homem estava prevenido:

— Seu pai de que morreu?

— Duma queda de motocicleta, aos noventa anos — declarou êle com sublime desassombro. E prosseguiu — Quanto a minha mãe, tive a felicidade de a ver chegar aos noventa e um.

— Ah! Sim? — fez o médico desconfiado — E de que morreu?

— De parto... — concluiu triunfante o primo de Calino.

Uma senhora idosa, de aspecto severo, chega a uma estação e instala-se num compartimento vazio duma carruagem.



Justamente, no momento que o combóio está para partir a porta do compartimento abre-se com estrépito e irrompe um sujeito gordo que empurra diante de si um rapaz e uma rapariga de dezasseis a dezoito anos, e dois garotos, um dos quais deve ter dez anos e o outro seis. O sujeito gordo vocifera, arremessa para dentro do compartimento com uma porção de malas, dá uma bofetada na rapariga, um sôco no rapaz, puxa as orelhas aos mais pequenos, e lá vai arrumando a família como pode.

O combóio põe-se em marcha, as bagagens mal colocadas na rêde desequilibram-se e caem, o furor do homem gordo aumenta e mimoseia a prole com alguns bofetões que provocam uma tempestade de choros.

A senhora idosa, que tem sido testemunha de tôda esta agitação, levanta-se indignada e diz para o seu colérico companheiro de viagem:

— Basta, senhor! Aviso-o de que sou presidente duma associação protectora da infância. E se não deixa de espancar brutalmente estas crianças fique sabendo que o farei passar por um desgosto...

— Passar por um desgosto? — redargue o sujeito gordo — Passar por um desgosto? Gosto de a ouvir falar. Pois fique sabendo, minha senhora — prosseguiu entre furioso e sarcástico — que no furgão vai o caixão da minha pobre mulher... que esta desavergonhada da minha filha, que aqui vê, fugiu há dois dias de casa... que êsse patife do meu filho foi ontem despedido por ter roubado o patrão... que o mais pequeno fez nas calças...

que êste outro malandrete me perdeu os bilhetes... e que eu... acabo de perceber que me enganei ao tomar o combóio...

E o sujeito gordo sentou-se



ainda espumante, ao mesmo tempo que a senhora idosa tombava sobre o assento acabrunhada.

Um cúmulo:

Qual é o cúmulo do impudor?

E o que faz corar um queijo flamengo.

Serapião leu num jornal o anúncio dum célebre astrólogo que afirma possuir a faculdade de ler no futuro e resolver os mais complicados negócios. Como é supersticioso, escreve-lhe uma carta com as indicações necessárias para que lhe seja revelado o seu destino.

Passam-se oito dias, ao cabo dos quais Serapião recebe uma carta concebida nos seguintes termos:

“Ex.^{mo} Sr. — Se o previno de que sucumbirá de morte violenta no prazo de dois meses, é por mera delicadeza, porquanto V. Ex.^a nem sequer incluiu na sua carta um simples sêlo para a resposta...”

O comandante da Polícia duma pequena cidade da província telegrafa para Lisboa a comunicar que fez uma importante apreensão de notas falsas. Imediatamente dois agentes de investigações são encarregados de seguir para o local e de proceder às necessárias diligências.

Mal ali chegam, os agentes dirigem-se ao posto da Polícia e pedem para falar com o chefe da esquadra. Este atende os cheio de boa vontade de colaborar com êles. Mas quando lhe pedem para mostrar as notas, o bom homem mostra-se desolado.

— Impossível! Mande-as ontem para Lisboa...

— Para Lisboa? Por quem?

— Em vale do correio...

Diálogo entre um rapaz e uma rapariga modernos:

Ela: Meus pais não consentem no nosso casamento...

Êle: Mas, porquê?

Ela: Porque tu te dedicas ao desporto.

Êle: Também tu...

Ela: Pois é por isso. É preciso que alguém fique em casa.



VIDA ELEGANTE



Casamento da sr.^a D. Judith Borges de Almeida com o nosso camarada de redacção Manuel L. Rodrigues. Os noivos após a cerimonia

rantemente aplaudidos. Na assistência a esta lindíssima festa, que deixou decerto em todos que a ela assistiram uma impagável recordação, viam-se além das pessoas que presidiram as mesas, as seguintes:

Maurice Maeterlink e esposa, François Mauriac e esposa, Paul Crockaert, Jules Romains, Georges Duhamel e esposa, conde e condessa de Vladimir d'Ormesson, Ramiro de Maetz e esposa, professor Blurk, Fernand Gregh, esposa e filha, professor Ernest Robert Curtius, Miguel Unamuno, Emile Vuillermoz e esposa, Jacques Maritain, Pierre Daye, Venceslau Fernandez Flores, Roger Moliret, Jerome, Tharaud, Dr. Fernando Emidio da Silva, Augusto Cancela de Abreu, Dr. Carlos Pinto Ferreira, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), D. Eugénia Correia de Sá (Lavradio), D. Maria da Luz Melo e Faro (Monte Real), D. Maria da Madre de Deus Amado Braamcamp Freire (Almeirim), D. Maria Luiza Guedes Pinto Machado, D. Maria Antónia Cabral Gentil, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Maria da Conceição Graça Van-Zeller, D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Margarida Cambom Brandão, D. Maria Emília Cabral da Silva, D. Maria Leonor de Almeida Daun e Lorena (Pombal), D. Virgínia Soler, Mademoiselle Dreyfus, Mademoiselle Mistral, Mademoiselle Cabasset, José de Castro Mascarenhas e Meneses, João Van-Zeller Pereira Palha, Eduardo Correia de Barros, Dr. Pedro Batalha Reis, Dr. Ferreira da Fonseca, Estevão Amarante, Frederico de Freitas e Carlos de Vasconcelos e Sá.

As honras a bordo foram feitas pela sr.^a D. Lúcia Infante de La Cerda Monteiro, Dr. Armindo Monteiro, e pelo pessoal do gabinete.

Durante o almoço, um sexteto composto dos artistas Diogo Del Pino, Eduardo Leal, Júlio Almada, João Carlos da Costa, Henrique Valentim e Armando Fernandes, executou um primoroso programa de música portuguesa, espanhola e francesa.

Festa a bordo

A sr.^a D. Lúcia Cancela Infante de La Cerda Monteiro, e o sr. Dr. Armindo Monteiro, ilustre ministro dos negócios estrangeiros, ofereceram no dia de Santo António, em honra dos intelectuais estrangeiros, que estiveram de visita ao nosso país, uma interessante festa a bordo do vapor «Lisbonense», festa que constou de passeio até Vila Franca de Xira, seguido de almoço, durante o qual se exibiram grupos de campinos e pescadores, com os seus trajes característicos, em vários cantos e dansas, os primeiros em fados e os segundos, no «Virar», «Tirana» e «Cana Verde», que os assistentes aplaudiram com verdadeiro entusiasmo.

O almoço foi servido em pequenas mesas, espalhadas à pòpa, as quais eram presididas respectivamente pela sr.^a D. Lúcia Infante de La Cerda Monteiro, e pelo sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, pela sr.^a D. Maria de Quevedo e pelo sr. ministro dos negócios estrangeiros, pela sr.^a D. Eugénia Franco Frazão (Penha Garcia) e pelo embaixador sr. Luís Teixeira de Sampaio; D. Maria Diogo da Silva Cancela de Abreu e pelo sr. Francisco Calheiros; pela sr.^a D. Mécia Ferreira da Silva e pelo sr. Dr. Vasco de Quevedo; pela sr.^a D. Maria Helena Guedes Pinto Machado e pelo sr. Luís Barreto da Cruz; pela sr.^a D. Aida Barreira Pinto Ferreira e pelo sr. Dr. Júlio Bantas; pela sr.^a D. Piedade Henriques de Lencastre (Alcaçovas) e pelo sr. Visconde do Ameal; pela sr.^a D. Helena Abecassis e pelo sr. António Eça de Queiroz; pela sr.^a D. Alice Cancela Infante de La Cerda; pela sr.^a D. Maria de Lourdes de Abreu da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela); pela sr.^a D. Maria Cristina Emidio da Silva; pela sr.^a D. Maria Tereza Bianchi Plantier e pelo sr. Eduardo Saraça de Scabra.

Terminado o almoço, os notáveis artistas Conchita Uliá, Virgínia Soler e Estevão Amarante, deliciaram a assistência, a primeira com os números «Fada da Cidade» da revista «Bola de Neve», «O que eu queria dizer ao ouvido», canção brasileira, «Amo-te tanto», «Nous desens toujours henreux» e finalmente o «Rilicario» uma das suas melhores corôas, a segunda em vários números do seu vasto repertório, e finalmente o último, em alguns fados das revistas que tem desempenhado, números que ao finalizarem foram deli-

Casamento da sr.^a D. Iria dos Reis Antunes com o sr. Raul Guilherme. Os noivos à saída da igreja



Casamentos

Realizou-se na paróquia de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.^a D. Iria dos Reis Antunes, gentil filha da sr.^a D. Maria de Deus Antunes e do sr. Luís Antunes, com o sr. Raul Guilherme, filho da sr.^a D. Maria de Jesus Guilherme e do sr. Joaquim Guilherme.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Elisa da Purificação Rodrigues, tia da noiva e D. Henriqueta Santos Pinto e padrinhos os srs. Marques de Lavradio e Alfredo da Silva Alexandre.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, Cônego Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para Braga, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Efectuou-se o casamento do nosso querido camarada de redacção Manuel Luiz Rodrigues com a sr.^a D. Judith Borges de Almeida, gentilíssima filha da sr.^a D. Josefa Monteiro Borges de Almeida e do sr. António Borges de Almeida.

Paraninham o acto: pela noiva, sua irmã D. Palmira de Almeida Ribeiro e seu marido, sr. Alfredo Júlio Ribeiro; e, pelo noivo, seus tios D. Joaquina Rodrigues Moldes e o sr. Manuel Moldes Vila.

A cerimónia, que revestiu um caracter de grande intimidade, assistiram também os pais do noivo, sr.^a D. Elisa da Purificação Antunes Rodrigues e sr. Camilo Rodrigues que, como todos os pais, se sentiam deliciosamente comovidos com a ventura dos seus filhos.

Após o acto, foi servido um delicioso copo de água em que foram patentes as mais efusivas felicitações, salientadas as virtudes e prendas espirituais da noiva e enaltecidas as altas qualidades de inteligência e caracter do noivo que o tornarão, por certo, o melhor dos maridos.

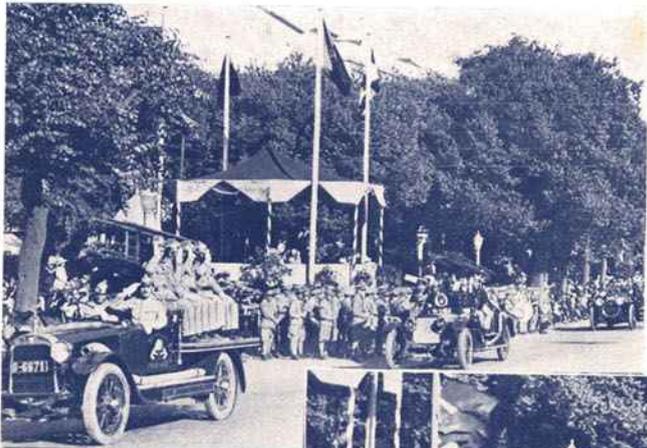
O nosso querido camarada entrou, finalmente, no Grémio dos Homens Casados com a convicção duma alma forte que sente energias suficientes para arrostar com as tremendas responsabilidades do seu novo estado.

Aos felizes noivos desejamos, de todo o coração, uma interminável lua de mel.

— Na paróquia de Santo António do Estoril, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Izabel Pereira Coutinho (S. Tomé), interessante filha dos srs. Viscondes de S. Tomé, com o distinto engenheiro sr. Henrique Leote Tavares, filho da sr.^a D. Henriqueta Leote Tavares e do ilustre engenheiro sr. António Leote Tavares.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Amélia Torres de Vasconcelos Pereira Coutinho (S. Tomé), e a mãe do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Lopo Leote Tavares. Ao acto que presidiu o reverendo prior da freguesia Monsenhor Moita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

D. Nuno.



Dois aspectos do desfile das viaturas na Avenida da Liberdade



O heroísmo e o brio dos simpáticos bombeiros portugueses tiveram no dia 16 do mês findo uma merecida e brilhante apoteose na imponente parada e na marcha luminosa que, por iniciativa do grande jornal «Diário de Notícias», se realizou em Lisboa.

No espírito de muitos milhares de pessoas que assistiram deslumbradas a esses dois belos números com que remataram as festas da Cidade, perdurará decerto, por longo tempo, a recordação dum espectáculo de arrebatedora grandeza.

A população da capital não ignorava que assim havia de ser. E tanto pelo carinho e admiração que lhe merecem os heroicos soldados da paz, como pela certeza antecipada de não perder o seu tempo, aglomerou-se aos milhares nas ruas por onde desfilou o cortejo, não poupano os aplausos entusiásticos a quantos nele tomaram parte.

Foi numa bela tarde de verão que os bombeiros percorreram garbosos as principais artérias da cidade. A excelência da organização, superiormente dirigida pelo sr. major Frederico Vilar, e bem assim o espírito de disciplina dos bombeiros revelou-se em todos os pormenores da Parada e sobretudo, na forma rigorosa como o horário foi cumprido — facto sempre difícil de verificar em espectáculos desta natureza.

Tomaram parte na parada cerca de 3.500 bombeiros e mais de 150 viaturas. Pode dizer-se que nunca em Portugal se organizara até hoje tão imponente desfile de soldados da paz. Bombeiros municipais e voluntários capricharam em apresentar-se em público de Lisboa com o maior brilho possível, enviando delegações numerosas e todos os veículos disponíveis. O conjunto das boas vontades foi o cortejo que o público aplaudiu e que consagra a excelência dos nossos serviços de incêndio. Se dissemos que muitos voluntários de colectividades pobres se deslocaram a Lisboa à sua custa para não deixarem de figurar ao lado dos seus camaradas de todo o país, ter-se-á a medida do esforço que a Parada consubstancia.

Da tribuna armada a meio da Avenida da Liberdade, assistiu ao desfile o sr. Presidente da República que ali chegou às 18 horas acompanhado pelos srs. coronel Modesto Barreto e tenente Carvalho Nunes. Já nesse momento se encontravam na tribuna os srs. ministro do Interior, general Amílcar Mota, chefe da Casa Militar da Presidência da República, general Hamílcar Pinto, Barreto da Cruz, do protocolo presidencial, general Daniel de Sousa, presidente do Município, tenente-coronel Pereira Coelho e governador civil de Lisboa.

Abria a marcha um grupo de veteranos composto pelos bombeiros: Alfredo Pereira

O público aguardado junto à estátua do Marquês de Pombal a passagem da Marcha Luminosa



O BELO REMATE DESTAS DA CIDADE

A Parada de Bombeiros e a Marcha Luminosa

constituíram espectáculos admiráveis em que o público consagrou os heroicos soldados da paz

tários de Sesimbra; António Ferreira e Amadeu Vieira da Silva, chefes de secção aposentados dos Bombeiros Municipais do Porto, e José Vençeslau, chefe de estação; Marcelino Ferreira, comandante honorário dos Bombeiros Voluntários de Algés; Carlos Joaquim Monteiro, comandante honorário da Lourinhã; coronel Alberto de Laura Moreira, comandante honorário dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos Leça de Palmeira; Frederico Pires Lopes, comandante honorário de Santiago do Cacem; Avelino da Silva Guimarães, 1.º patrão dos Bombeiros Voluntários de Guimarães; Carlos de Sousa Otero y Salgado, comandante honorário dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, e Eduardo Pedro Corso, enfermeiro dos

Bombeiros Voluntários Lisboenses. Seguiam delegações de quasi todas as colectividades de bombeiros do país, em tal quantidade que não nos é possível citá-las. Poucas devem ter sido as que não se fizeram representar na parada, que teve assim um significado tão amplo quanto possível.

Por fim marchavam as viaturas, em número superior a cento e meio. Havia ali carros moderníssimos, dotados dos maiores aperfeiçoamentos para a luta contra o elemento devastador, alinhando com outros antigos, verdadeiras reliquias com um passado glorioso, que já por centenas, talvez milhares de vezes, correram pres-

suras aonde o perigo os chamava. O público, ao longo das ruas, não se cansava de admirar uns e de olhar com enternecimento os outros.

O número e a qualidade do material apresentado no cortejo mostraram o grau de desenvolvimento a que o serviço de incêndios chegou no nosso país, mercê de numerosas boas vontades. Pronto-socorros, auto tanques, carros de escadas, ambulâncias sanitárias, tudo estava amplamente representado e de molde a constituir um legítimo motivo de orgulho para quantos lutam pelo progresso do Exército da paz.

A noite, como dissemos, realizou-se a marcha luminosa, original iniciativa cujo efeito excedeu toda a expectativa. As viaturas concentraram-se às 22 horas na avenida da Índia e cada bombeiro recebeu uma provisão de fogo de artifício. Uma hora depois o cortejo pôs-se a caminho. Ao chegar ao Terreiro do Paço a iluminação do percurso imediato foi atenuada e principiou a queima do fogo, dos veículos em marcha. O aspecto fêérico da longa fila de carros, donde jorravam fochos de luz, era deslumbrante. A todo o momento subiam no ar foguetes que se derramavam depois em lágrimas refulgentes de luz ante os olhares da multidão maravilhada. E ao chegar à praça Marquês de Pombal acendeu-se no espaço um enorme ramo de flores de fogo,



À esquerda: Os veteranos que tomaram parte na Parada; em baixo: A queima do fogo de artifício durante a Marcha Luminosa



surpresa oferecida ao público pelo pirotécnico José de Castro, de Viana do Castelo.

O cortejo desfilando no Rossio

A este sensacional espectáculo assistiram na tribuna presidencial da Avenida os srs. ministros da Instrução, Negócios Estrangeiros, Comércio e Indústria e Marinha, e na tribuna do lado, os representantes do Corpo Diplomático. Também presenciaram o desfile os srs. procurador geral da República, sub-secretário de Estado das Finanças, chefe do Estado Maior do Governo Militar, coronel Arrobas Machado, governador civil do distrito, comandante geral da Polícia de Segurança Pública, major Beires Junqueiro, engenheiro Cancela de Abreu, coronel Costa Macedo, vereadores e membros da comissão das Festas da Cidade.

EVOCAD GLORIAS

O Cortejo Medieval

Um belo espectáculo que deslumbra e honrou o seu realizador Leitão de Barros



O Cortejo Medieval

Engenheiros de guerra

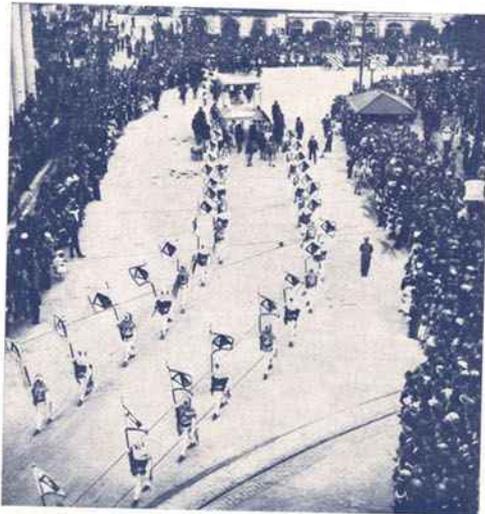
Barros organizou num curto espaço de tempo encantou milhares de pessoas que tiveram a ventura de o observar à luz do dia. E' que levou muitas horas a chegar de Belem ao coração da cidade, podendo dizer-se que a maior parte dos espectadores que pejavam as bancadas da Avenida da Liberdade apenas divisaram sombras. Foi pena. Foi este o único senão. Quanto à data exacta em que a Corte do Mestre de Avis teria desfilado por essa linda Lisboa de todos os tempos não vale a pena falar. O realizador pretendeu fazer uma recons-



Em cima: O prior de Santa Uraç com seus páteres crucifixo e freiras

A' direita: D. João I

Em baixo: Um aspecto do desfile no Rossio



Um carrão com as donas



tiuição histórica e artística, em vez de recorrer um pouco à fantasia. Falou-se para aí no regresso de Aljubarrota, isto é, após o grande decisivo nas pretensões castelhanas. Não podia ser. Nessa altura não iria no seu palanquim a rainha senhora D. Filipa de Lencastre que ainda nem sequer sonhava preferência que o rei de Portugal lhe daria sobre a sua irmã mais velha, D. Catarina. Por ocasião do seu casamento talvez Fernão Lopes consagrasse um capítulo a todas as festas que ocorreram na ocasião do casamento do rei e fizeram no Porto. Ser na Cidade Invicta ou ser em Lisboa a distinção não seria grande. Nessa ocasião, diz o cronista exultante, houve jogos, danças, cantares, tudo

em abundância como era do estilo em tais casos. Foi então servido um grande banquete, de que o Condestável, *servidor de toalha e copa*, foi mestre-sala.

"Enquanto o espaço de comer durou — diz Fernão Lopes — faziam jogos à vista de todos os homens, que bem o sabiam fazer: assim como trepar em cordas, e tornos de mesas, e salto real: os quais acabados alçaram-se todos, e começaram a dançar: as donas, em seu bando, cantando arredor com grande prazer. El-rei se foi entanto para a sua câmara, e depois da ceia, ao serão, o arcebispo e outros prelados, com muitas tochas acesas, lhe benzeram a cama daquelas bênçãos, que a Igreja para tal acto ordenou, e ficando el-rei com sua mulher, foram-se os outros para suas pousadas."

Não ficaria mal aqui o Cortejo Medieval. Mas os Infantes que ainda não tinham nascido?

Seria no regresso de Ceuta? Mas nessa altura já D. Filipa não existia, pois morreu no dia 19 de julho de 1415, seis dias antes da partida da expedição. Dizem até as crónicas que a rainha, sentindo um forte vendaval, perguntou a seus filhos que lhe rodeavam o leito:

— De que lado sopra o vento tão rijo que faz estremecer as paredes do quarto?

— Do norte — lhe responderam.

— Parece-me — disse a moribunda — que é o mais favorável

D. Filipa de Lencastre, representada pela actriz Lucília Simões



Uma dama da Corte

mais belos números das Festas da Cidade. Além de El-Rei D. João I, todo emproado como convinha à sua alta posição, podia admirar-se o Condestável D. Nuno Álvares Pereira que patenteava nitidamente o seu poderio que tantas preocupações causara ao Dr. João das Regras, seu inimigo e rival na direcção do país.

O cortejo ia seguindo sempre por entre a admiração da multidão que ladeou todo o longo percurso. Cavaleiros de Cristo, de Santiago, de Aviz com as suas insignias triunfantes por entre os berros das trombetas. Não nos recorda ter visto o pendão de Nun'Alvares. Se lá ia, o escuro da noite não nos deixou reparar.

Além da magnificência do Cortejo Medieval, podemos afirmar que Leitão de Barros conseguiu realizá-lo em menos tempo do que o que foi gasto no percurso de Belem ao Campo Pequeno.



O Condestável D. Nuno Álvares Pereira a frente do galto real

para a vossa partida que se deve realizar no dia de Santiago...

Depois, deixando cair as mãos sobre o peito, expirou.

Enfim, fôsse quando fôsse e com quem fôsse, Leitão de Barros conseguiu apresentar um dos

O infante D. Henrique que entre dois dos seus irmãos





dade originou, a imperatriz fez rapar á navalha a cabeça de todos os seus filhos.

Uma linda manhã — estava-se na primavera — andavam as quatro princesas passeando pelo parque, ostentando chapéus enormes que lhes escondiam aquela espécie de calvície. Nisto encontraram-se com o dr. Pierre Gilliard que se entretinha a tirar fotografias. Entre as quatro jovens travou-se um rápido conciliábulo, entremeado de risos abafados. Gilliard foi convidado a tirar-lhes o retrato em grupo. Alinharam-se em frente da objectiva, e, á ordem da mais nova — a grã-duquesa Anastácia — os quatro chapéus fôram tirados, surgindo os crânios lúzidos.

Conseguida esta primeira prova fotográfica, fôram á procura do tzarevitch, e, na sua sala de estudos, servindo-se do pára-

A imperatriz Alexandra e o tzarevitch

17 ANOS DEPOIS

Quem ordenou a execução da família imperial russa?

Um mistério que não foi ainda desvendado

—vento e dum reposteiro negro, improvisaram o cenário. Gilliard teria de as fotografar de frente e de costas, mas de maneira que só as cabeças aparecessem. O resto dos corpos ficaria encoberto pelo pano negro. Assim se fez. Á hora do jantar, apresentaram as provas fotográficas aos pais, convidando-os a que reconhecessem cada uma das cabeças igualmente calvas.

A imperatriz, supersticiosa como era, ficou impressionadíssima, pois julgava vêr naquela fotografia cinco cabeças decepadas.

A desventurada tzarina parecia prevêr a horrorosa tragédia de Ekaterinenburgo, e encontrava um simbolismo cruel na inocente brincadeira dos seus filhos!

Assim sucedeu. Naquela terrível noite, o commissário Yourovsky subiu aos aposentos dos prisioneiros, e, fazendo-os levantar, convidou-os a descer ao subterrâneo, visto que, estando a cidade revoltada, julgava necessárias todas as precauções.

Sem um queixime, os prisioneiros obedeceram, descendo a escada acanhadíssima que os conduzia á cave.

Entretanto, lá fóra, os guardas vermelhos preparavam o golpe. Yourovsky ordenára a Mediev que fosse buscar doze soldados armados de revólveres e espingardas e dobrasse as sentinelas em torno da prisão, pois os Romanov deveriam ser mortos nessa mesma noite.

Em dado momento, Yourovsky, seguido pelos seus homens, entrou na sala onde

os presos se encontravam, e, dirigindo-se ao tzar, nolificou-lhe nestes termos haver soado a sua última hora:

— Os teus amigos querem libertar-te, mas não hão-de consegui-lo. Por isso, sou forçado a dar cabo de ti.

E, apontando-lhe a pistola ao peito, desfechou. O imperador caiu como uma maça, sem soltar um gemido. Era éste o sinal para os outros. Cada um tomou conta da sua vítima. O príncipe herdeiro — o tzarevitch de olhos meigos — caiu



As grã-duquesas Maria, Olga, Tatiana e Anastácia

crivado de balas. A imperatriz, ferida em pleno peito, tombára sobre o cadáver do filho. As quatro

princesas fôram atacadas á baioneta. A criada Ana Dimidova, que se accorára a um canto, tranzida de pavor, foi morta á coronhada... por não haver mais pólvora. Enquanto isto se passava, na sala contigua eram assassinados o dr. Botkine e o marinheiro Nagorny, após uma luta desesperada com os seus verdugos.

Consumado o crime, era preciso escondê-lo. Houve uma tal ânsia em fazer desaparecer todos os vestígios que, ainda antes de raiar o dia, fôram os cadáveres removidos para um bosque próximo, onde os despojaram das joias e os collocaram sobre montes de lenha seca a que largaram fogo depois de regada com gasolina. As ossadas que resistiam á combustão eram cobertas de ácido sulfúrico, sendo gastos nessa operação, que durou três dias e três noites, mais de 175 litros d'este ácido e cerca de 100 de gasolina. As cinzas fôram atiradas para um poço que logo foi aterrado.

Era isto o que se sabia.

Mas donde partiu a ordem da chacina? De Moscovo?

Estudando esta espantosa tragédia á luz

serena da história, pode-se presumir que o governo da U. R. S. S. ordenou a execução sumariíssima do tzar Nicolau II.

Quanto ao assassínio dos restantes membros da família Romanov, o governo de Moscovo, não só negou ter dado semelhante ordem, como ordenou um rigoroso inquérito para apuramento de responsabilidades. Chegou a fazer julgar uns trinta "menchevicks," acusados de

terem planeado o assassínio dos grã-duques em Alapaevsk. Os réus fôram condenados, sendo alguns passados pelas armas. Seria isto uma comédia?

Devemos ter em conta que ás 9 horas da noite de 17 de julho de 1918 foi expedido da estação de Ekaterinenburgo a Gorbounov, secretário do Conselho dos Commissários do Povo, que se

encontrava em Moscovo, o seguinte telegrama cifrado:

"Fazei saber a Sverdlov que toda a família teve a mesma sorte do seu chefe. Oficialmente, morreu durante a retirada. — Bieloborodov."

Se, por um lado, a Rússia soviética fez publicar a documentação recolhida nos seus arquivos referente ao massacre da família imperial russa, outros documentos aparecem extraídos dos arquivos secretos de White Hall e da Alemanha imperialista. Nêles surgem, por vezes, vários agentes de potências estrangeiras no desenrolar desta espantosa tragédia.

Segundo os dados colhidos pelo juiz Nicolau Sokolov "a família de Nicolau II foi assassinada na casa de Ipatiev, em Ekaterinenburgo, na noite de 16 de julho de 1918, sendo os cadáveres transportados num caixão para uma floresta que fica a uns vinte quilómetros de distância. Num local conhecido sob a designação de "Os Quatro Irmãos" foram os corpos queimados e atirados para um poço próximo." Sabe-se que, oito dias depois, o avanço brusco das tropas brancas e checo-eslovacas reconquistou a região. Foi então encarregado o juiz de instrução Nicolau Sokolov de proceder a um inquérito sobre o assassínio da família imperial, missão de que se desempenhou com uma precisão meticolosa. Encontrou no referido poço 32 pedaços de ossos humanos, entre os quais uma falange cercada por um



O tzarevitch rodeado pelas suas quatro irmãs



As cinco cabeças dando á impressão de guilhotinadas

HA 17 anos — vai fazer-los em 16 de julho corrente — foi assassinada a família imperial russa, e até hoje, apesar das minuciosas investigações a que se procedeu, não foi ainda possível saber ao certo donde teria partido a ordem trágica.

Após a revolução, quando o governo provisório de Kerensky ordenou a prisão do tzar Nicolau, éste proibiu qualquer resistência ás forças que se lhe conservavam fieis. Visionava talvez o seu triste fim e não queria torná-lo extensivo aos seus partidários.

Passava-se isto em março de 1917. Como é sabido, a família imperial esteve sob prisão em Tzarkoie-Selo até á sua transferência para Tobolsk, que se efectou em agosto.

Foi durante esta reclusão que as quatro grã-duquesas e o tzarevitch adoeceram gravemente atingidos, pelo sarampo. Em face da queda de cabelo que esta enfermi-



anel; numerosos objectos e até jóias que alguns antigos criados da casa imperial reconheceram sem a menor hesitação. As investigações duraram mais de um ano. Em fins de 1919, uma avançada das tropas vermelhas expulsou o exército de Koltchak. O juiz Sokolov reuniu os seus "dossiers", e os despojos encontrados no poço e partiu para Karbine, na Mandchúria, onde chegou ao cabo de muitas dificuldades. Dirigiu-se logo ao representante diplomático do governo britânico e pediu-lhe que lhe assegurasse a transferência das relíquias da família imperial russa para a Europa. Após ter consultado o Foreign Office, o diplomata britânico recusou-se.

Num desespero fácil de calcular, o juiz Sokolov fez idêntico pedido ao general francês Janin, comandante das tropas aliadas e checo-eslovacas na Sibéria.

Este general, julgando desnecessário consultar quem quer que fôsse para cumprir um dever de humanidade pura e simples, encarregou-se desta triste missão. No regresso à França, a bordo do barco "Armand Behic", notificou ao grão-duque Nicolau pôr à sua disposição o espólio da família imperial russa que era, no fim de contas, a sua família. O grão-duque, sem alegar qualquer razão plausível, recusou-se a receber esta dolorosa herança.

Em face duma tal atitude, o general Janin não havia de atirar ao Sena os lúgubres despojos. Piedosamente colocou-os numa capela que improvisou na sua propriedade de Serre-Izard, no Izère e aguardou os acontecimentos.

Cinco meses depois, o grão-duque Nicolau ordenou que, por intermédio dum tal Dimitriev, o "depósito Sokolov" fôsse enviado ao sr. de Giers, antigo embaixador czarista em Roma, e, naquele momento, refugiado em Paris.

Dez anos decorridos, as

três malas com os documentos do inquérito e o cofre com os restos da família imperial russa desapareceram como por encanto.

Afirmou-se que o "triste espólio" se encontrava encerrado numa caixa-forte dum banco inglês, embora nada se provasse.

Entretanto, o juiz Sokolov, tendo chegado a França, pretendeu ser recebido pelos membros sobreviventes da família imperial, a fim de lhes dar conta da sua missão, mas, sem que se compreendesse porquê, nenhum dos interessados o quis receber!

Pedi então que lhe fôsem facultados os documentos do seu inquérito, visto haver mais pormenores a acrescentar. Pois ninguém lhe quis revelar o destino que o seu precioso "dossier" tinha levado!

Apenas lhe concederam, como compensação irrisória, uma pensão modesta para que pudesse morrer, ignorado e discreto, no refúgio que escolhesse.

Sokolov é que não estava disposto a sujeitar-se a um tal mutismo, cuja utilidade não atingia nem podia compreender. Decidiu, portanto, documentar o inquérito o que procedera com tão grande zelo, carinho e desinteresse, escrevendo um livro em que ficasse relatada toda a sua actividade de investigador.

A uma tal ideia, que Sokolov transmitira lealmente aos parentes da família imperial russa, responderam estes com o seguinte "ultimatum", inacreditável:

"Caso publique um tal livro, deve ter



As quatro grã-duquesas com a cabeça rapada a navalha

em conta que, a dar-se a restauração da Rússia Imperialista, será perseguido por alta-traição e violação de segredo profissional. E, para começar, ser-lhe-á suprimida a pensão que lhe estávamos dando».

Sokolov não se intimidou.

Ele, o honrado juiz que arriscara a sua vida pela memória do czar, era acusado de traidor por aqueles que deveriam patentear-lhe o seu reconhecimento, beijando-lhe as mãos impolutas! E, como se não bastasse o insulto, retiravam-lhe a mísera pensão que mal o impedia de finar-se à míngua...

Em 23 de novembro de 1924, esse herói obscuro, roído mais de máguia do que de miséria, faleceu em Salbris nos braços de alguns amigos franceses que lhe admiravam a tenacidade e a valentia.

No cemitério de Salbris encontra-se ainda a sepultura deste homem leal, encimada por uma cruz de granito com a seguinte legenda:

"Nicolau Sokolov, nascido em Mokshama em 1882, falecido em Salbris em 23 de novembro de 1924, juiz de instrução do tribunal de Omsk a quem foi confiado o inquérito sobre o assassinio da família imperial russa».

A toda a largura dos braços da cruz foi piedosamente gravada, em língua russa, a seguinte inscrição:

"A tua verdade é a verdade eterna!»

Há 17 anos que se deu o massacre da família Romanov, imolada pela luta dos partidários, sem que surgissem, até hoje, ombros suficientemente fortes para arcar com as responsabilidades.

E daí — quem sabe? — talvez não tivesse havido um ser tão diabòlicamente perverso a ordenar uma tal selvajaria.

O facto consumou-se, possivelmente, pela efervescência do momento em que a fera humana não sabe raciocinar.

O que não se compreende muito bem é que as grandes potências, vendo êsses desgraçados em perigo durante meses e meses, não lhes prestassem o necessário auxílio tão aflitivamente suplicado.



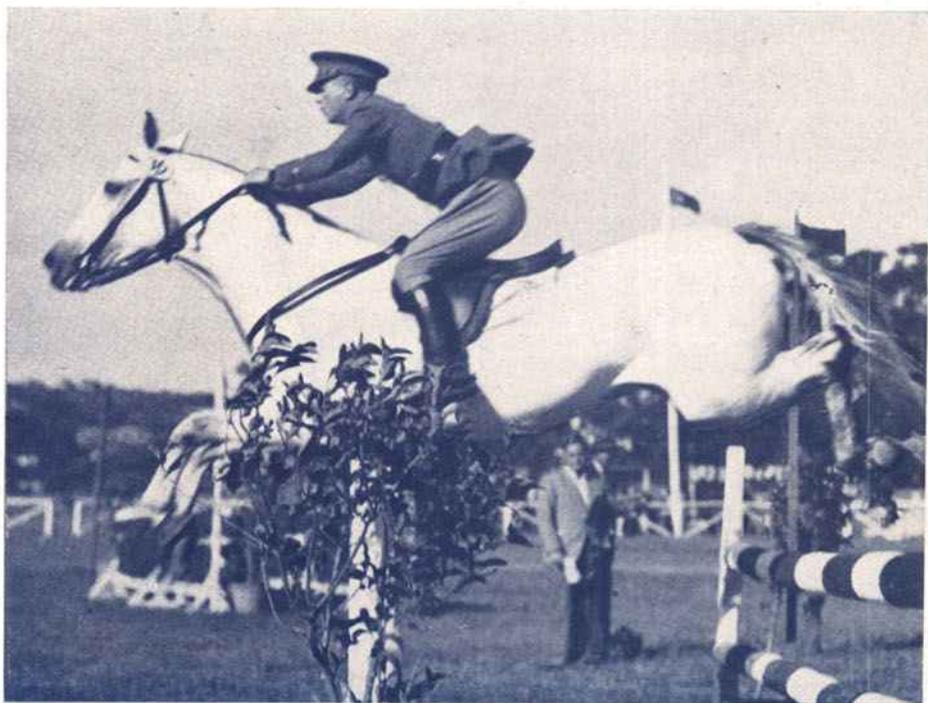
O poço dos ardeadores de Ekaterinburgo onde foram lançados os restos dos cadáveres da família imperial russa

O 24.º Concurso Hípico Internacional

REALIZOU-SE no Hipódromo do Campo Grande a disputa do 24.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, em que os espanhóis se fizeram representar brilhantemente por uma valiosa equipa de cavaleiros.

As provas assistiu numerosa assistência que aplaudiu com entusiasmo os vencedores. A corrida do «Grande Prémio de Lisboa» presidiu o Chefe do Estado, vendo-se também na tribuna presidencial os generais srs. Domingos de Oliveira, Farinha Beirão e Daniel de Sousa. Saiu vencedor desta importante prova o concorrente espanhol D. Diego Torres.

O 24.º Concurso Hípico marcou como um notável acontecimento desportivo e mundano. As nossas gravuras mostram alguns dos mais belos saltos aplaudidos pela assistência do hipódromo do Campo Grande.





A formosa Sintra aparece ali também com o seu castelo altaneiro,

Quand le sheik Jabias, [depuis roi de Tolède, Vint visiter le Cid au retour de Cintra,

Era tão grande o poder do Campeador que o próprio sheik, maravilhado, não se conteve que não gritasse:

..... Partons! pour [donner à l'Espagne, D'Avis a Gibraltar, e [d'Algarve a Cadafal, O grand Cid, le frisson [du clairon triompha Et pour faire accourir au [dessus de vos tentes, Ailes au vent, l'essaim des [victoires chantantes!

Ora, João Penha, o inimitável cinzelador das "Rimas", teve de sustentar encarniçadas polémicas em virtude das traduções que fez

dalguns poemas da "Legende des Siècles". Eis como êle se defende:

"A quadra

Arrastando a cimitarra, Percorreu a Espanha inteira De Setubal a Figueira, Em procura de Mudarra,

que eu traduzi do "Romance Mourisco", de Victor Hugo, suscitou a Pinheiro Chagas uns amáveis reparos, a que eu respondi, defendendo-me, da maneira seguinte:

"Quem traduz não deve unicamente traduzir palavras; deve, sobretudo, traduzir pensamentos. É o que eu fiz quando me abalancei a trasladar para a nossa língua os versos inimitáveis do divino mestre.

"D. Rodrigo de Lara, em contrário aos costumes daquelas épocas e das actuais, partirá



João Penha

Os franceses nunca conseguiram ser uns barras em geografia. Os seus historiadores de mais fama salpicaram sempre as suas obras com erros que envergonhariam um aluno de instrução primária.

O próprio Victor Hugo — o maior génio do século XIX — não foi isento deste defeito. A-pesar-das jornadas que empreendeu através da Península Ibérica, e dos laços de amizade que tanto o ligaram a uma senhora brasileira descendente de portugueses, fartou-se de cometer deslises.

Em "La Legende des Siècles", por exemplo, o grande poeta coloca o Cid onde muito bem lhe parece. Procura Mudarra por tódá a parte e

Pour le trouver en campagne Il traverserait l'Espagne De Figueira a Setuval.

O Cid Campeador passa como um ciclope por sôbre as povoações aterrorizadas

Et tout tremble, Iran, Colimbre, Santander, Almodovar, Silió qu'on entend le timbre Des symboles de Bivar.

Nessa corrida triunfal e devastadora, o formidável D. Rodrigo de Bivar grita ao soberano ingrato:

Roi, la chose que m'importe C'est de vivre exempt de fiel; Non de glisser sous ma porte Ma main jusqu'à Penafiel.

VICTOR HUGO GEÓGRAFO

A Espanha, segundo o imortal escritor ficava situada entre Figueira e Setubal

para a caça completamente desarmado. É o que o poeta nos revela logo nos dois primeiros versos da balada:

D. Rodrigo fôra à caça Sem espada nem couraça.

"Nem mesmo levava um simples bordão, que lhe poderia servir de arma de investida contra javardos e corças, e de defesa contra moiros e sicários, porque quando daí a pouco se encontra, face a face, com o filho da renegada, que, de punhal em punho, para êle crescia, exclama:

Não vibres, sobrinho, a adaga! A Virgem Santa me valha! Espera ao menos que eu traga Minhas armas de batalha.

"Quando, porém, o colossal autor da "Legende des Siècles", nos diz que D. Rodrigo, para se encontrar com Mudarra, percorrera a Espanha "de Figueira à Setuval", não o podia imaginar, nem o imaginou, senão com o alange dos atrozes morticínios ao lado. O verso

Arrastando a cimitarra

chegou a existir no seu pensamento, mas não logrou ter vida exterior, porque as exigências métricas da estrutura monumental da estrofe a isso o obrigaram. Foi dêsse pensamento que eu traduzi, removendo os obstáculos que as mesmas exigências me opunham. Assim fica explicado aquele meu primeiro verso que, aos olhos do vulgo, não existe no texto original.

"No resto da tradução, também, segundo me parece, não atentei contra o respeito que o mundo inteiro ainda há pouco tributava ao poeta máximo do século XIX.

"Quando li o verso: "De Figueira à Setuval", hesitei realmente, duvidando se o poeta se referia a Figueira da Foz ou a qualquer outra cidade da península. Depois de minuciosas investigações, verifiquei que na Catalunha existia outro burgo, chamado Figueiras, mas logo me convenci de que não era o de que o poeta falava, porque Figueiras, em francês, sempre se escreveu Figueirès, como pode vêr-se no Larousse e no Bescherelle ainé.

"Demais, ainda que a colocação da Es-



Victor Hugo e o seu neto

evolução da vida através do Universo, para outros mundos talvez mais felizes.

No sonho em que vivem, as coisas reais da existência, todos os factos, e tódas as ciências, revestem aspectos insólitos, que o vulgo não compreende.

Não é, pois de admirar que Victor Hugo collocasse a Península entre a Figueira da Foz e Setubal, como não seria de estranhar que a collocasse entre Freixo de Espada-à-Cinta e Fornos de Algodres..

João Penha teve ainda pela frente um outro escritor que o zargunchou, salien-

tando que, se Victor Hugo se referisse à Figueira da Foz, diria uma tolice, o que seria inadmissível à face do próprio texto da estrofe de que se trata, porque só da Figueira a Setubal não é atravessar a Espanha.

O tradutor defendeu-se consoante pôde, concluindo que, "do facto de ser tolice a colocação da Espanha entre a Figueira da Foz e Setubal, não se segue que Victor Hugo a não pensasse, dissesse ou escrevesse, e isto com tanta mais razão quanto é certo que tolice também seria, mas sem a grandeza própria do génio, a da colocação da Península entre a Figueiras da Catalunha e a cidade das margens do Sado..

Citou ainda o facto de Jeanne Hugo ter encontrado entre os papéis do seu glorioso avô esta variante:

Por le trouver en campagne Il traverserait l'Espagne De Tarragone a Vraga

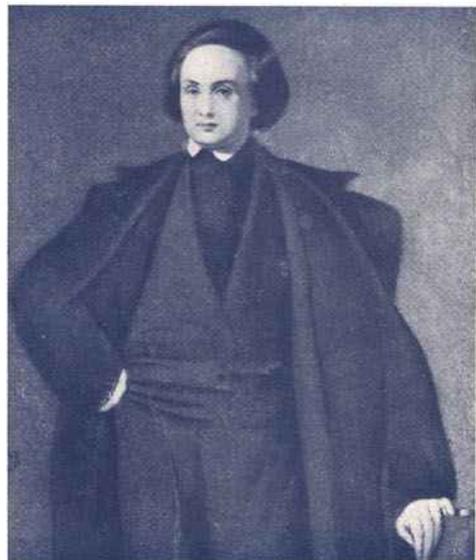
que o poeta não adotou, preferindo a primeira forma.

Tomando alento, João Penha apresenta mais o seguinte argumento:

"De ordinário, tanto poetas como prosadores limitam regiões, países e continentes, fixando dois pontos únicos, mais ou menos geológicos que os comprehendam.

"É assim que, escolhendo dois nós opostos, dizem, por exemplo: Do Ebro ao Guadalquivir; dois cabos ou promontórios: do cabo de Finisterra ao cabo da Roca; ou duas condilheiras: dos Alpes aos Pireneus.

"Outras vezes, porém, os pontos extremos são escolhidos em ordem a que, entre êles, isto é, entre os lugares em que a acção se desdobra e a cena que se descreve, haja uma natural conexão. Foi a êste vêlho preceito da arte que Victor Hugo, retórico como todos os poetas que querem chegar à posteridade, manifestamente obedeceu. Mudarra, segundo êle diz, era capitão duma fragata do rei moiro



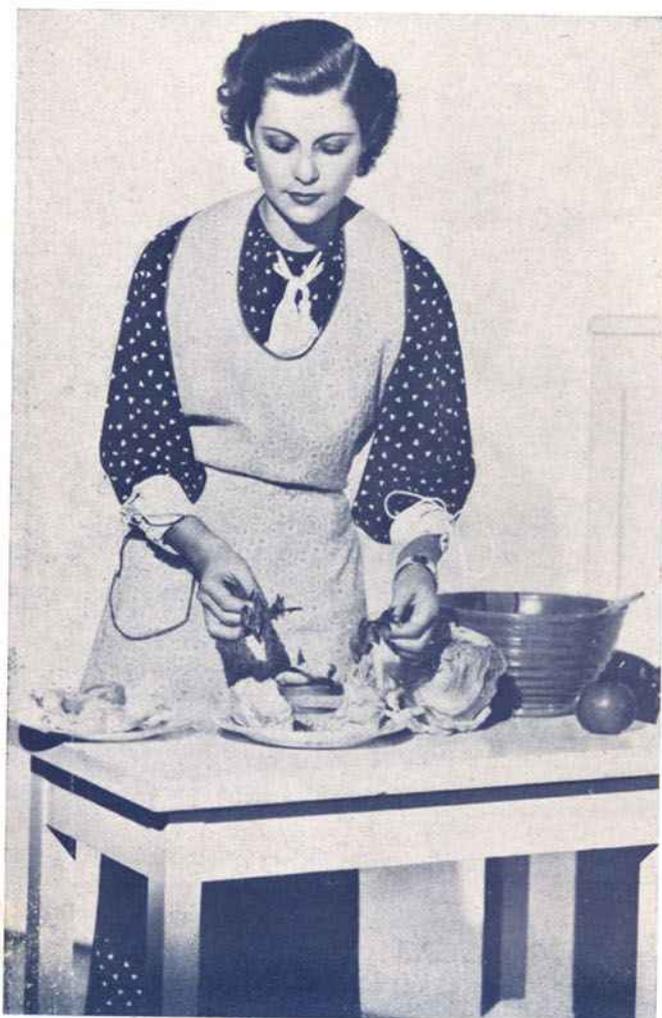
Victor Hugo na pujança da mocidade, por Louis Boulanger

Alitar. Sendo homem do mar seria absurdo que D. Rodrigo o fôsse procurar no interior das terras, e ainda mais absurdo nos pincares escarpados dos Pireneus, numa praça de guerra, Figueiras, edificada alguns séculos depois da época provável em que os personagens da balada poderiam ter vivido. O poeta, portanto, supôs que o irmão de D. Sancho, se quizesse procurar o bastardo, o procuraria nos portos do Atlântico ou do Mediterrâneo e, por isso, escolheu como pontos extremos duas cidades marítimas: Setúbal, que êle escreve constantemente Setuval, e Figueira. Ora, como com êste nome só há duas cidades na Península, e uma delas, a de Catalunha, não é pôrto de mar, aquela a que o poeta se quis referir foi evidentemente a outra: a nossa Figueira da Foz..

É assim que o engenhoso João Penha se justifica das liberdades que tomou na tradução das poesias de Victor Hugo.

Não deixa de ter razão, embora o imortal cantor da "Legende des Siècles", não se tivesse preocupado nem pouco nem muito com a posição geográfica das cidades que citou. Empregou-as pela sonância dos seus nomes e pela necessidade da rima.

Mais ao sul ou mais ao norte, isso pouco interessa ao leitor. A acção decorreria tal como a duma história dum conto das Mil e Uma Noites. Que nos importaria que a Sherazade cativasse o califa em Constantinopla, Tetuão ou em Meca?



DE todos os defeitos que mais preocupam a mulher e são objecto constante de seus cuidados para ganhar em beleza e, portanto, em armas de combate para submeter o outro sexo, de todos êsses defeitos, o que mais a apoquentam são os pêlos supérfluos.

Não quero falar das sobrancelhas espessas, que essas facilmente se modificam, arrancando os pêlos a mais e alinhando-as.

O buço também tem remédio, aplicando-lhe água oxigenada que o descolora e torna menos visível, porque arrancá-lo ou rapá-lo é pior, que cada vez vem com mais força.

Os pêlos que desesperam a Eva de hoje, e creio que desesperaram em todos os tempos, são os que cobrem o tronco e as pernas, e estes últimos não conseguem escondê-los as meias, que por transparência os tornam por demais evidentes.

A natureza tem às vezes caprichos bizarros, dando à fêmea certos ornamentos do macho, tornando-a cabeluda e com voz de trovão.

Foi o que aconteceu a um indivíduo do sexo feminino, que passou por homem tôda a sua vida, desde a infância.

A sua semelhança com um rapaz era tão flagrante, não lhe faltando o competente bigode, mas farto e abundante, que os pais misericordiosos, não querendo

Quando a mulher parece um homem...

reservar à filha a existência desolada de uma feia mulher, — repelente até, digna de barraca de feira como fenómeno, — a deram como do sexo masculino a partir dos dez anos, idade em que êsses sinais varonis começaram a evidenciar-se em tôda a sua pujança.

Podemos fazer ideia do desgosto dessa mãe que ansiava por uma linda menina delicada e preciosa como um "bibelot", de luxo, e se viu a braços com um mamarracho de tal ordem.

Mas o amor de mãe é o mais santo dos amores, o mais inclinado ao sacrifício, e estoicamente transformou num filho a filha sonhada e que tão grande desilusão lhe trouxe.

E essa rapariga, coitada, que dor não seria a sua, ter de renunciar ao amor — o sol bemdito de pobres e ricos, de santos e de bandidos.

Por um esquecimento, um pequenino detalhe, a natureza fez dessa criança um monstro.

Se tem completado a sua obra, essa criatura podia ser um homem amado e respeitado por seu saber e dotes pessoais.

Assim, disfarçada com trajes que não eram seus, essa mulher foi um homem para todos os efeitos, menos para o mais forte — o do amor.

Passou uma vida agitadíssima esta mulher que todos julgavam ser homem até à hora da sua morte ocorrida há pouco tempo, na Austrália, em Melbourne, onde residia há vinte anos ocupando o cargo de director de um instituto e professor de química, usando o nome de Charles Clémont.

Era de uma estatura avantajada o que junto com o voz que possuía facilmente a fez passar por homem, sem despertar a mais leve suspeita. Tanto mais que os adornos capilares do rosto muito ajudavam a confusão.

A sua morte foi devida a um acidente — uma queda na escada da sua residência, fracturando o crânio.

Foi uma surpresa para todos, quando trataram de vestir o "professor", constatando que era mulher — era um homem.

Quem mais se admirou, e com razão de sobra, foi a sua governante, que nunca teve o mais pequeno indício para deixar de julgá-la um homem.

Dizem os médicos que a examinaram que esta infeliz amostra do belo sexo tinha o corpo coberto completamente de cabelo de um comprimento de dez centímetros.

Como se compreende bem a decisão dos pais, procurando emendar a natureza, trocando o seu estado civil.

Antes deste, houve mais casos de mulheres vítimas do capricho monstruoso da natureza, tirando-lhes todos os encantos feminis, e deixando-lhes apenas, por troça, um sexo inútil, obrigando-as a abdicar por completo do seu papel na sociedade e passando a ser homens.

Mas há outras aberrações não impostas pela compleição mas por instinto ou por gosto.

Mulheres houve que gostavam de envergar os trajes masculinos e ocupar situações às vezes perigosas para o seu sexo.

Enumerá-las levaria muito longe.

Hoje continuam a notar-se mulheres que sem terem os predicados para serem tomadas por homens querem, comtudo, imitá-los á viva força.

Pois, minhas caras senhoras, ainda não há nada que valha ou deva valer tanto para uma mulher como ser mulher.

Cuidem da sua beleza, contentem-se com o papel que a natureza lhes distribuiu neste mundo, e agradeçam-lhe não as ter feito quasi semelhantes ao homem que vocês tanto invejam, porque êste "quasi", é um verdadeiro horror.

É caso para aplicar o rifão popular — "Mais vale sê-lo que parecê-lo".

Ser homem a valer, com todos os seus másculos requisitos físicos e qualidades de carácter, é magnífico, soberbo, isso é. Ser obrigado a parecê-lo por defeitos da mãe natura, é uma lamentavel desgraça.

Querer imitá-lo, sem condições de exito, só por "sport", ou por fantasia, é tolice rematada. E não digo estupidez, para as não melindrar.

Vamos! Agarrem num espelho e mire-se bem, tôdas as mulheres que a natureza poupou nos seus loucos propósitos, e digam se não vale a pena ter êsses lindos olhos onde o amor vem espreitar uma nova presa, e se não é mais bonita essa bôca para beijar do que para dizer disparates afirmando que ser homem é melhor.

Lembrem-se do tormento dessas mulheres que parecem homens, e sejam dia a dia mais frágeis e mais pequeninas, se querem ser mais fortes do que o homem...

Mercedes Blasco.

CINEMA



Katherine de Mille

De Hollywood veio até nós a notícia sensacional de que a artista russa Anna Sten, que ainda há pouco interpretou magistralmente «Nana» de Emile Zola, acaba de romper o seu contrato com a Metro-Goldwyn-Mayer. Este contrato era ainda válido por deztoito meses, com um salário de 4.000 dólares por semana.

Aos jornalistas que a interrogaram, Anna Sten declarou que tomara a sua brusca decisão porque a obrigavam a representar papeis que não lhe convinham e que não eram dignos do seu esforço. Acrescentou que não quer incarnar ingénuas.

Preferiu, por isso, antes que começasse a filmagem dum novo filme, de que seria a protagonista, romper definitivamente e regressar ao seu país, onde conta refazer a sua carreira.

Vem a propósito dizer que Anna Sten era considerada uma das artistas mais dispendiosas do cinema norte-americano. Só o seu guarda-roupa custara 30.000 dólares. A empresa mandou vir, propositadamente, de Nova York, atrizes para lhe ensinarem inglês. E uma multidão de técnicos trabalhava sem descanso para realçar as suas qualidades.

Durante os quatro anos da sua permanência em Hollywood, Anna Sten tomou parte em três filmes, cujo custo se avalia, na nossa moeda, em 2.250 contos cada um.

No Congresso dos Médicos da U. R. S. S. foi ultimamente apresentado um pequeno filme, cuja projecção não excede cinco minutos, mas que despertou enorme interesse entre todos os homens de ciência ali reunidos.

Trata-se duma adaptação da radioscopia à câmara cinematográfica, a primeira até hoje realizada com pleno êxito. Nesse pequeno filme pode ver-se o funcionamento de alguns órgãos interiores do corpo humano. Começa-se por assistir ao latejar do coração, para

se ver depois a deglutição e por fim o interior dos músculos duma perna durante a marcha.

Além do interesse que oferece para o público em geral, este invento tem ainda uma alta missão no ensino da medicina.

John Barrymore confiou a um jornalista um plano sensacional que horas depois já o público de toda a América conhecia. Declarou-lhe que pensava vir para Inglaterra e interpretar para o cinema britânico a figura de Hamlet, sob a direcção de Alexandre Korda.

O jornal francês «Comédia» tomou a iniciativa de o «Prémio

da Crítica» do cinema francês, cuja distribuição começará a ser feita desde este ano, coincidindo assim com a comemoração do 40.º aniversário do cinema.

Um dos maiores êxitos dos cinemas norte-americanos nos últimos tempos é o filme «G. Men». Trata-se de mais uma película de «gangsters», mas que se diz ser mais movimentada e impressionante que o próprio «Scarface».

Nesta obra o criminoso não é apresentado como uma espécie de herói, mas é a coragem e tenacidade da polícia que são exaltadas.

Coincidindo com a ofensiva das autoridades contra os bandidos e com a reacção da opinião pública perante o crime, este filme vem num momento oportuno, o que até certo ponto contribui para o seu êxito.

A «London Film Productions», devidamente autorizada, anunciou um filme baseado na vida do famoso coronel Lawrence, há pouco falecido. Esta obra propõe-se ser uma crónica fiel das aventuras do extraordinário agente britânico e uma homenagem ao seu patriotismo e dedicação. É provável que a maior parte da filmagem venha a ser feita na própria Arábia, onde o coronel Lawrence era conhecido por o «rei sem coroa».

Biscot, o popular actor francês a quem o cinema deve uma série de filmes tão espontâneos como mediocres, vai reaparecer em «Roi de la Combine», segundo um argumento de Henri Decoin e Cazalis.

Um realizador britânico, Arthur Homblon, vai adaptar ao cinema «The Light that failed», uma das obras mais célebres de Rudyard Kipling.

Marcel L'Herbier terminou há dias os exteriores dum filme de que Kate de Nagi é a principal interprete. Chama-se, esta sua nova obra, «Rota imperial» e a acção decorre em África, donde o conhecido realizador francês acaba de chegar.



Seis estrelas que despontam: Gertrude Michael, Gail Patrick, Wendy Barrie, Ann Sheridan, Katherine de Mille e Grace Bradley.



não devem achar tudo mau no de 2.^a com que têm de se contentar. Há pequenos contratempos que em casa nos contrariam, mas que devemos tomar alegremente em viagem.

Nos hotéis é preciso muito cuidado com as relações que se fazem, e não se devem estreitar relações levemente com pessoas com quem não queremos ter convivência em regressando à cidade e à vida de todos os dias.

Fazem-se muito boas amizades algumas vezes, mas outras há que melhor seria nunca tivesse encontrado na vida.

Se se vai para casa alugada ou própria, no campo ou praia, deve haver o cuidado de a arranjar simples, engraçadinha e atraente. Simples para que seja fácil arranjá-la e limpá-la e engraçada e atraente porque devemos sempre fazer o possível para que o ambiente familiar seja agradável, ainda que o cenário seja por pouco tempo o abrigo da família. Uns "cretos-



PROXIMA-SE a época de ir para o campo ou para as praias, que é em geral uma temporada do ano muito agradável.

Deixa-se a casa da cidade, as mil preocupações da vida de cada dia, e faz-se uma vida de descanso e de ar livre, que nos dá uma preparação para suportar o inverno e os achaques à saúde que éte nos traz.

A escolha da vilegiatura é já uma alegria e uma satisfação. A primeira opinião, que deve ser ouvida é a do médico, que deve indicar, se se deve ir para o campo, para a praia ou para a montanha. Nas famílias onde há crianças deve haver o maior escrupulo nessa escolha, que tanto pode influir na saúde desses enteados, que são cuidadosamente tratados devem ser.

Sobre a mulher, como sempre que se trata de bem estar da família, caem grandes responsabilidades, para que seja da maior utilidade para todos e o mais agradável possível a vilegiatura.

Indo para o hotel está tudo muito mais simplificado, mas há ainda que ver, que as pessoas que não podem ir para um hotel de 1.^o ordem,

PÁGINA SFEMININAS

nes, alegres, almofadas numas cadeiras de verga, bastam para que a casinha de campo ou praia tome um aspecto risonho e acolhedor.

Em vilegiatura mais do que em outra qualquer parte devemos respeitar o gosto dos que nos rodeiam e não querer impôr a todos a nossa maneira de encarar a vilegiatura.

Cada pessoa aproveita segundo os seus gostos e como entende, as suas férias, contanto que haja respeito pelas horas das refeições e pela disciplina geral. De resto cada um deve aproveitar para fazer aquilo que lhe é mais agradável. Há quem goste de estar sempre ao ar, de fazer exercício e há quem prefira um absoluto repouso.

Em todo o caso é recomendável o estar o mais tempo possível ao ar, para beneficiar o organismo e aperfeiçoar a saúde.

Mas se por acaso chove, se há um dia de mau tempo não devemos pôr-nos de mau humor e lamentarmos-nos, arrastando-nos de janela para janela.

É a altura de entrarem em cena os trabalhinhos, que todas as senhoras levam para as suas férias, de ler um livro, de organizar um jogo em que todos se entretendam, de esquecer, enfim esse contratempo, que é sempre a chuva em tempo de férias, e numa casa que em geral é mais um "camping" do que outra coisa. É em férias, mais do que nunca, que a dona de casa tem de dar largas ao seu bom humor, para fazer passar desaperecebidas as faltas que inevitavelmente há.

As crianças gozam conscienciosamente as suas férias e aproveitam gostosamente a liberdade e a ausência de estudos. É dar-lhes a liberdade compatível com as suas idades e fortificá-las com o sol, o ar e a luz, os elementos naturais, para a saúde da humanidade.

Que a mulher torne as suas férias o mais agradáveis possível, para ela e para os seus e que no inverno ao folhear o album de fotografias e recordações, tenha apenas sorrisos de gratidão para essa época, é o que há a esperar de todos os que a Divina Providência protege dando-lhes saúde e bem estar.

Maria de Eça.

A Moda

GRACIOSA e bela, a Moda traz-nos as suas novidades, impõe-nos as modificações que temos a fazer nos nossos vestidos, e a linha geral que temos a seguir.

É para notar a diferença com que alguns pequenos detalhes do vestuário, se afirma de dia para dia, a modificação da moda. A-pezar-de estarmos já no Verão, devem reparar na pequenez dos decotes.

A moda das mangas curtas, dos vestidos decotados, das saias excessivamente curtas desaparece de dia para dia.

A mulher compreendeu enfim que o excesso da nudez, só lhe prejudica a beleza e lhe tira o encanto feminino, que o pudor lhe dá.

Reserva-se nas praias o direito de exhibir as suas formas, ainda que mesmo aí, se note já uma ligeira modificação: vai-se accentuando a tendência para um maior recato, pelo qual só nos temos a felicitar.

Por muito bela que uma mulher seja não deve exhibir a sua beleza, deve fazê-la adivinhar só

a correcção dos seus modos e do seu vestuário. Apresentamos às nossas leitoras alguns modelos de última elegância: Para de manhã um gracioso chapéu e «charpe» em «taifetas» de quadradinhos azuis e brancos. O chapéu dum forma graciosíssima deixa livre a testa e pelo seu gracioso corte atraz a nuca também livre, mostra a formosa quarnição de caracóis ou tranças tão em voga.

Para a tarde temos um lindo vestido em lá Kadier do mais belo efeito. As lãs em relevo são lindas e bem o demonstra o vestido em riscas salientes de várias cores que se harmonizam deliciosamente.

O seu corte gracioso valoriza o relevo do tecido. A frente do corpo é um verdadeiro mosaico. O chapéu em palha azul escuro (a cor predominante) é guarnecido por uma «cordae» de várias cores.

A veste em «pique» de seda branca é a nota da elegância deste ano, usa-se em vilegiatura e mesmo na cidade. Esta que reproduzimos é usada com um vestido em «crêpe bagheera» preto dum corte ajustado ao corpo. O grande chapéu em tule preto dá-lhe uma grande nota de distinção.

Para a noite um encantador «fourreau» de «taifetas» preto, riscas cor de ouro. A cauda com



o seu característico «fourrou» ajuda a dar nobreza à «silhouet» muito justa nas ancas, atraz forma um abundante laço rígido e atrevido. O corpo com pouco «drapé» estende de cada lado do decote as suas asas minúsculas, que são fixadas por «clips» em pedrarias. É uma «toilette» original e muito graciosa.

Higiene e beleza

SURTE a mulher teve o bom natural desejo de prolongar o mais possível a sua juventude.

Crêmes, massagens, pós, elixires, mil tratamentos, nem sempre eficazes, deixando muitas vezes uma triste e dolorosa desilusão.

A verdadeira maneira de conservar a juventude é fazer sempre uma vida higiénica e racional.

Deitar cedo e levantar cedo, não comer demasiadamente e nunca alimentos indigestos ou de difícil digestão, fazer todos os dias exercício, sobretudo um passeio a pé sem grande fadiga. Ter o máximo cuidado com o bom funcionamento dos intestinos.

Tratar convenientemente a pele, protegendo-a com um bom crême e um bom pó de arroz quando haja que a expor ao sol e à luz.

Respirar um ar renovado de dia e de noite. Tendo estes cuidados tem-se uma boa saúde e a mocidade conserva-se por muitos anos.

Os sinais e os seus preságios

OS sinais escuros na cara, a que os franceses chamam «grains de beauté» são tão apreciados que houve tempo em que se punham postigos.

Mas o que muita gente não sabe é o que eles presagiam, segundo o lugar em que estão.

Na testa à esquerda: faz temer que os desejos sejam contrariados e o orgulho abaixado.

No meio da testa: promete uma agradável abastança e a afeição dos seus.

Um pouco à direita: indica um carácter violento, apaixonado, inclinado a escolher uma carreira activa quasi masculina.

Entre as sobrancelhas: anuncia que se casará muitas vezes.

Sobre a narina esquerda: denota um temperamento amoroso.

Sobre a narina direita: um temperamento mais inclinado á amizade.

À canto da boca à esquerda: presagia um casamento de dinheiro.

À canto da boca à direita: acautelai-vos com as paixões nefastas.

Sobre os lábios: indica a eloquência, cuidado com os invejosos.

No meio do queixo: anuncia uma posição modesta mas segura.

No queixo à esquerda: há a esperar algumas heranças, mas talvez com processos.

No queixo à direita: marca um coração ciumentoso.

Sobre a face direita: amores contraditórios.

Sobre a face esquerda: temer amor infeliz.

Na lingua: apanágio das bisbilhoteiras.



Debaixo da lingua: das pessoas discretas.

No pescoço próximo da orelha esquerda: presagia uma grande fortuna.

No pescoço próximo da orelha direita: mais escrupulos do que dinheiro.

Trez sinais no pescoço: representam a graça, o espirito e a beleza.

No ombro esquerdo: uma vida solitária.

No ombro direito: cautela com as violências.

Em ambos os hombros: viagens longiquas de que virá a fortuna.

Sobre o pé: indicio duma rara perfeição de carácter.

Debaixo do pé: anuncia o gosto do prazer.

Na mão esquerda: Muitos filhos.

Na mão direita: uma bela velhice.

Nos dedos da mão: indicio dum bom natural.

De mulher para mulher

Gabiela: É muito difícil responder-lhe. Eu não sei o seu estado de saúde e em geral o médico é que aconselha para onde se deve ir veranear, que representa a saúde de todo o ano. Consulte o seu médico e se é apenas por prazer tem muito por onde escolher na linha de Cascais e nos arredores de Lisboa preferindo o campo.

Bluette: Peço-lhe apenas que se não esqueça de que é tão nova e que aceite os bons conselhos que lhe dão. Claro, que é ridículo uma rapariga tão nova pintar-se tanto. Ponha um pouco de «rouges» se é tão pálida como diz, avive ligeiramente os lábios e basta. Isso de olheiras pintadas e pestanhas nao é próprio duma menina tão nova.

Genil: Faça os vestidos em tecido leve. Há-os lindos este ano e nada há que mais fresco e bonito seja no verão.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

IMPRENSA

Acaba de sair o n.º 65 de «O Charadista», órgão oficial da Tertúlia Edípica, de Lisboa.

Além de colaboração variada e esplêndida, firmada por muitos dos melhores produtores, das «Noções sobre charadismo» e notícias diversas, apresenta-nos «O Charadista» os resultados prováveis do *Campeonato Internacional de Charadismo* (2.ª etapa) — a mais grandiosa e bela competição charadística que se tem realizado entre nós — num elucidativo e bem elaborado mapa, trabalho de paciência muito de apreciar, pela dificuldade que sempre há em reunir num só quadro tudo quanto interesse e esclareça os concorrentes sobre a sua classificação.

Com mais êste número agora distribuído continua a T. E. a patentear a todos que pela causa quebram lanças o desejo de engrandecer, e cada vez mais, o charadismo.

APURAMENTOS

N.º 28

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VIDALEGRE

N.º 19

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ÔLHO DE LINCE

N.º 17

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, de Efonsa; n.º 4, de Jobema.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 18. — Salustiano, 16. — Rei-Luso, 15. — Só Na-Fer, 14. — Só Lemos, 14. — Sonhador, 12. — João Tavares Pereira, 12. — Silva Lima, 12. — Lamas & Silva, 10. — Salustiano, 10. — Dona Dina, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Ouro-rôlo-ourolo. 2 — Pata-tacho-patacho. 3 — Farofa. 4 — Trilhado. 5 — Salvia. 6 — Rodeio. 7 — Camarada. 8 — Pirafedes. 9 — Farfalhada. 10 — Peixota-peita. 11 — Atinge-age. 12 — Bioco-bico. 13 — Tocado-todo. 14 — Luneta-luta. 15 — Confortar-contar. 16 — Fidalga-figa. 17 — Arquear. 18 — Porque. 19 — Nana. 20 — A um ruim, ruim e meio.

TRABALHOS EM PROSA MEFISTOFÉLICAS

1) A freira por uma bagatela entrou para um convento, e por uma bagatela de lá saiu. (2-2) 3.

Coimbra Gisita (C. C. C.)

2) De modo que há grande movimento na praça pública por causa dum molim popular? (2-2) 3.

Leiria Magnate

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 37

3) Será costume o pastor viver da burla? (2-2) 3.

Lisboa Piolim

NOVISSIMAS

4) O que satisfaz os meus criados é o feitiço branco e grande. 2-3.

Lisboa Aço (T. E.)

5) Como a língua do maldizente bate muito nos dentes, era melhor ser retalhada. 3-1.

Lisboa Augusta Vitória

6) Outra coisa; isso tem capacidade para conter a espécie de andorinha? 1-1.

Coimbra Aelis Yur (C. C. C.)

7) Abre passagem neste muro, se não o animal é levado pelo tufão. 2-2.

Coimbra Bibé (C. C. C.)

8) Agora, repara como estou elegante! 1-2.

Coimbra Galhardo (C. C. C.)

9) Humilha o forte, mas tem compaixão do fraco. 2-1.

Ponta Delgada Jobema (... e T. E.)

10) A mulher formosa é a «mulher» sempre querida, a «mulher» sempre adorada. 2-2.

Leiria Kábula

SINCOPADAS

(A Sopmac Ovatco)

11) O potentado manda que se assassine todo o saltador que for apanhado. 3-2.

Lisboa Antolino (S. C. L.)

12) Esta dança de roda é feita em silêncio. 3-2.

Lisboa Augusbello (T. M.)

13) Derrota para alguns é cegueira. 3-2.

Lisboa Doridóffes

14) É preciso coragem! meu leal amigo. 3-2.

Lisboa Ferjobatos

15) A saliva no tempo do calor seca-me completamente a bôca. 3-2.

Lisboa Júlio César

16) Que delícia nos relembra um nome de mulher! 3-2.

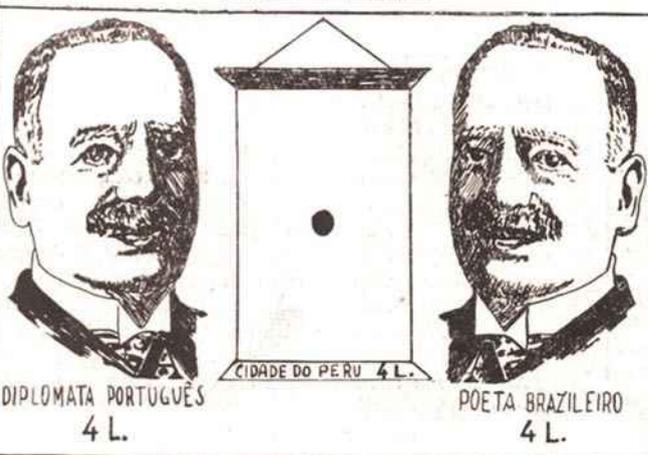
Lisboa Micles de Tricles

17) Com o governo... cuidado. 3-2.

Biscaia, Alb.-a-Velha Olegna

TRABALHOS DESENHADOS

ENIGMA FIGURADO



18) Não creio na meiguice dos homens. 2-2.

Lisboa Olho de Lince

TRABALHOS EM VERSO ENIGMA

19) Com três letras
Tôdas consoantes.
Acaba se com o mal
Dos bons decifrantes.

Luanda Ti-Beado

NOVISSIMAS

20) Amei, pois quis saber o que era isso de [amar — 1
Que uns dizem ser um Bem e outros grande [mal!

Amei p'ra conhecer — que coisa singular —
Aonde residia a verdade afinal!...

Mas, caro me saíu êsse infantil catar
Porque cheguei a amar de forma não banal!
E o meu maior empenho, então, era can- [tar — 1
Que o Amor, além dum Bem, era algo divino!

Oh! Céus! — quanta ventura eu não sentia [então,
Ao ver que dava amor a quem amor me dava,
A quem eu dera já, feliz, o coração!...

Rompí, porém, um dia e com coragem [brava!
Logo a afeição profunda, essa louca paixão,
O peito me ulcerou, por a mandar à fava!...

Silva Pôrto-Bié Efonsa

21) Ao seguir o meu caminho
Sorrindo e cantando vou,
A pensar no escaninho — 1
Onde minha mãe me deixou.

Pobre e sem ninguém no Mundo — 1
Foi assim que sempre andei,
Sem o amparo fecundo
Da que eu nunca mais verei.

Eu nem sei até onde iria
Nem sequer o que faria
P'ra que minha mãe eu visse;

Amá-la-ia com ternura,
E nunca com alma dura,
P'ra que ela me não fugisse!...

Lisboa Zé das Hóstias

SINCOPADA

(Agradecimento e retribuição ao conceituado charadista «Braz Cadunha»).

22) Que tristes e diversos sentimentos
Se devem abrigar n'alma dum cego:
Sentirá pela vida algum apêgo
Apesar dos seus duros sofrimentos?

Ou bendirá o dia em que os tormen- [tos
Vão descansar no frígido aconchêgo
Da cová, dêsse escuro e frio rêgo
Que nivela os braços e os aposen- [tos?

Quem sabe o que êle pensa, o que [êle anseia
Quando nas ruas, trôpego, vagueia
As trevas insondáveis tateando?

— Ninguem conhece o lúgubre se- [grêdo
Dêsse pobre mortal que, sempre a [mêdo,
A miséria da luz vai arrastando! 3-2.

Ponta Delgada Jobema (... e T. E.)

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS



Exposição Menezes Ferreira

MENEZES FERREIRA, o artista querido que o povo português não esquece expôs mais uma vez na Sociedade Nacional de Belas Artes. Belos trabalhos, focando aspectos da Flandres e da nossa África, de muitos pontos belos que o lápis do artista soube apanhar em flagrante.

Clube dos Cem à hora

CONSTITUI-SE em Lisboa uma agremiação destinada a promover grandes competições automobilísticas, que adoptou a designação do «Clube dos Cem à hora». A gravura abaixo mostra o sr. Carvalho Henriques discursando na sessão inaugural.

Dr. João Barros

D. Alice Ogando



MAIS um livro a enriquecer a obra já vastíssima do insigne poeta do «Anteu», do grande português da «Pátria esquecida», do eminente pedagogo do «Nacionalização do Ensino», do paladino excelso da «Aproximação Luso-Brasileira», do artista amigo da «Grécia, musa do Ocidente», do nosso querido dr. João de Barros, em suma.

Desta vez, trata-se da adaptação em prosa do poema épico «O Caramuru», de Frei José de Santa Rita Durão. Não conheciam? Pois vão conhecê-lo agora, graças ao grande espírito que o adaptou, tornando-o acessível à vossa vista cansada de tantas obras inúteis. Hoje ninguém se interessaria por esse grande poema que nos fala da Outra Pátria — o Brasil. Adaptado pelo nosso dr. João de Barros, lêmo-lo e ficamos deliciosos.

Em boa verdade, João de Barros é um verdadeiro Anteu. Para perder o seu valor, o outro, o mitológico, tinha de deixar de tocar a Terra. Ainda não apareceu o Hércules que subjugassem o de hoje. Mesmo que «parecesse» e o Dr. João de Barros deixasse o globo terrestre, a sua obra ficaria perene, imorredoura e sempre bela como um mármore de Fídiás.

ALICE OGANDO, a poetisa que conseguiu triunfar entre tantos escalrachos de toda a espécie e cor, trabalha infatigavelmente. Ainda não tínhamos acabado de registar a notícia do seu recente livro «Este Pecado de Amar», ainda não tínhamos esboçado uma defesa que nos levasse, quando muito a uma policiazinha correccional, surge a escritora, de súbito com a «Pena Maior» sem apêlo nem agravo. Fez-se justiça. Alice Ogando não nos perguntou o que teríamos a alegar em nossa defesa: condenou com a maior crueldade.

«Pena Maior» — é o título do seu novo romance que dedica «a todas as mulheres a quem só a maternidade revelou o amor — o maior amor».

E' belo este livro, é empolgante, e ninguém, seja quem for, tem o direito de desconhecer.

«Pena Maior»... cumpria-se a lei. Por nós escrevemos numa das suas mais belas páginas esta quadrasinha:

*Se eu pudesse ir lavar
A minha condenação:
Prisão maior celular
Dentro do teu coração.*

Gomes de Brito



General
Alexandre Malheiro



AGORA, que tanto se fala na Lisboa Antiga, criada esplendidamente por Matos Sequeira, a Livraria Sá da Costa publicou o 2.º volume das «Ruas de Lisboa», obra de J. J. Gomes de Brito.

Dr. Manuel S. Manrara



NÃO conhecem Alexandre Malheiro? A esta pergunta toda a gente responde que é o insigne autor da «Fidalguinha da Levada» cuja 2.ª edição agora publicada obteve um êxito surpreendente.

Alexandre Malheiro, o escritor de estilo singelo e cantante que tanto se assemelha a Júlio Deniz, é o seguidor da obra de esse malogrado escritor finado na pujança da mocidade.

O general Alexandre Malheiro não careceu de se rodear de artificios para nos apresentar esse magnífico romance que, só por si, marcaria o seu triunfo, se outras obras o não tivessem imposto à nossa admiração e simpatia.

Ma' num país, que não é absolutamente como seria para desejar, não vem fora de propósito perguntar: gostam de Júlio Deniz?

Pois bem: «A Fidalguinha da Levada» é um romance digno de figurar ao lado dos do autor das «Pupilas do Senhor Reitor» e da «Morgadinha dos Canaviais».

Júlio Deniz, portanto, continuará a viver enquanto o general Alexandre Malheiro continuar a deliciar-nos com as suas obras magníficas.

Festa artística de Palmira Bastos



No teatro Nacional realizou-se no dia 27 do mês findo a festa artística da eminente atriz Palmira Bastos, figura de relevo no nosso meio teatral. A gravura mostra-a cercada pelos artistas que colaboraram no notável espectáculo.

O governo da República de Cuba acaba de nomear chanceler da sua Legação em Lisboa, o sr. dr. Manuel Secades Manrara, notável caudico.

O pugilismo, desporto essencialmente emotivo e cujas características de combatividade tanto agradam à grande massa popular, reviveu agora com interessante animação graças à permanência em Lisboa de dois portugueses de real valor que haviam iniciado a sua carreira de profissionais do sóco em terras brasileiras.

Horácio Velha e António Rodrigues, alcançaram até à data uma série ininterrupta de vitórias interessantes, e se os primeiros adversários que lhes colocaram pela frente merecem ser considerados como vítimas antecipadamente votadas ao sacrifício, apresentados pelos organizadores poucos escrupulosos com parangões que em nada correspondiam ao seu verdadeiro e modestíssimo valor, os últimos combates, em que derrotaram estrangeiros de nome consagrado e campeões nos respectivos países, forneceram-nos uma linha mais exacta sobre a classe dos nossos compatriotas e permittem-nos julgá-los pelo que merecem.

Um e outro, com características diferentes, são pugilistas de categoria apreciável e podem proporcionar, ao numeroso público afecto do box, lutas emocionantes e agradáveis ao nosso sentimento nacionalista; mais combativo Horácio, mais artista Rodrigues, os dois homens conseguiram ressuscitar um desporto agonizante, que fôra vítima do comercialismo de certos indivíduos e da ausência de valores nacionais que pudessem constituir o centro atractivo do interesse popular.

Oxalá agora, que as coisas caminham em maré favorável, não venham a matar a galinha dos ovos de ouro; a orientação conscienciosa seguida nas mais recentes organizações permite alimentar esperanças dum futuro próspero, e os êxitos alcançados pelos pugilistas portugueses fazem antever a possibilidade de largas ambições no campo internacional.

Terminou o primeiro ciclo da época nacional de atletismo, cujas competições são especialmente reservadas aos novos e, embora não tenhamos a apontar pro-

gressos excepcionais ou proezas involuntárias, — ressaltando uma excepção — fica-nos dum modo genérico agradável impressão.

A excepção a ressaltar é do lançador Emídio Ruivo, rapaz de 18 anos robustos e sádios, admiravelmente ginástico e possuidor dum estilo perfeito que lhe permitiu elevar a 14,403 o record nacional do lançamento do peso de cinco quilos. Não é, contudo, esta distância, embora extraordinária num estreante e num atleta tão novo, que maior satisfação nos provoca, mas sim as possibilidades que deixa adivinhar um exame minucioso da exactidão de pormenores nos gestos harmoniosos e bem ligados do futuro campeão.

Discipulo do "recordman" nacional José Garnel, aproveitou bem as preciosas lições do mestre e é o primeiro especialista português que se apresenta em provas, tendo começado pelo princípio. O Sporting conta, nele, umas das mais seguras esperanças do atletismo, e se a persistência e o entusiasmo lhe não faltarem é homem para nos representar nos Jogos Olímpicos de 1940.

Outro motivo de satisfação reside na actividade demonstrada por Braga e Coimbra, que apresentaram um grupo de atletas muito interessante, vindo animar com a sua presença as competições inter-regionais.

A primeira, por intermédio dos seus dois clubes, deu cartas no torneio do norte, arrancando às colectividades portuenses considerável número de títulos; a segunda manifestou um acréscimo de entusiasmo que lhe valeu a organização dos campeonatos nacionais, onde os seus representantes lutaram de igual para igual com os melhores lisboetas e portuenses.

Infelizmente verificou-se também uma vez mais a escassa educação desportiva do público, habituado às ruidosas competições do football e desconhecedor das mais elementares regras do atletismo. Ingrata tarefa para os dirigentes, a de remediar este mal; não só porque lutam inglôriamente contra a visão unilateral e o bairrismo intolerante de alguns que

A QUINZENESPORATIVA

colaboram a seu lado, mas ainda porque são as vítimas do seu sacrificado apostolado, recebendo em paga de tanto esforço desinteressado apenas dissabores e manifestações de incompreensão ou má fé.

Mau sistema este, de desgostar os poucos que consentem ainda em aceitar a missão ingrata de orientadores; a vítima indirecta será o próprio atletismo, entregue às mãos de ambiciosos sem envergadura para o encargo e cada vez mais desprestigiado no conceito público.

Esperemos que os acontecimentos futuros desmintam o pessimismo amargo destas considerações.

A propaganda da prática desportiva apresenta-se-nos sob os mais variados aspectos.

A par das modalidades clássicas, dos jogos atléticos, que devemos considerar reservados a um escol de indivíduos com preparação física especializada, existem várias formas de exercício recreativo e moderado, dignas de idêntico interesse porque, embora de menor valor atlético, estão ao alcance de mais considerável percentagem de praticantes.

A teoria do desporto para todos, deve ser realmente uma base de orientação geral para aqueles que se ocupam da propaganda da idéa, tanto como orientadores como na ingrata missão de dirigentes.

A estes últimos interessa, sobretudo, que dentro das respectivas colectividades o número de praticantes seja o mais elevado possível, dentro do princípio lógico de que se deve ser sócio duma agremiação desportiva para cultivar o corpo, praticando o exercício físico metódico e compatível com os recursos de cada um.

Os associados dos clubes de desporto devem encontrar nas sedes dos mesmos, não apenas salões de cavaco ou locais de convívio, mas principalmente o material indispensável à prática de jogos que sejam uma feição atenuada do desporto. Estão neste caso o clássico bilhar, a popular laranjinha e o moderno ping-pong, cujo incremento fulminante é o exemplo mais característico da verdade destas nossas considerações.

Existem, porém, outras modalidades quasi ainda desconhecidas entre nós, cuja divulgação está sendo vantajosamente levada por diante, e apresentam, tanto para os praticantes como para os espectadores, um interesse que lhes garante um pronto êxito de expansão.

Merece referência dentre elles o "ring-tennis", de há muito praticado em Portugal em alguns estabelecimentos de ensino ou raras colectividades, mas que só agora, depois de adoptado pela organização dos cursos in-

fantis de "Os Sports", começa a dar que falar de si.

As crianças receberam com entusiasmo a prática do belo jogo, perfeitamente adaptável às suas qualidades e recursos, tendo algumas secções realizado exhibições muito apreciáveis e de excelentes resultados.

Recentemente se encontraram as equipas mistas dos cursos do Grupo Desportivo Operário e de Campo de Ourique, demonstrando uma ótima preparação e conhecimentos muito agradáveis das subtilidades do "ring-tennis". Apresentando nesta página a fotografia dos dois grupos fazemos votos para que muitos outros lhes sigam o exemplo, pois facilmente se encontrará jogo mais apropriado ao divertimento e actividade das crianças.

Na ante-véspera da saída a público desta *Ilustração* deve ter-se derrimo, em pugna decisiva, a atribuição do título máximo de campeão nacional de futebol.

A prova, que é sempre motivo de interesse excepcional entre os desportistas apaixonados, encaminhou-se este ano para um desfecho que os lisboetas receberam com júbilo e entusiasmo; os dois clubes de maior nome, aqueles que na tradição do desporto português ocupam um pósto que só o glorioso Gimnásio lhes pode disputar, foram os adversários da luta final, num torneio que já ambos ganharam mais de uma vez, mas onde nunca a sorte os colocara frente a frente em situação semelhante.

Não nos permitimos estabelecer prognósticos, tanto mais descabidos quanto é certo que, à data da leitura destas linhas, já o vencedor será conhecido; como crónistas da actividade desportiva portuguesa cabe-nos apenas registar o brilhantismo e emoção das meias-finais, onde o Benfica eliminou difficilmente o Caravelinhos, e o Sporting derrotou com brilhantismo o perigosíssimo Foot-ball Club do Porto.

Após o Torneio das Ligas, a cujo êxito mais duma vez nos referimos, o campeonato nacional confirmou o recrudescimento do interesse público pelo futebol e, também, a subida de valor dos grupos mais destacados.

A um ano dos Jogos Olímpicos, onde as tradições nos impõem o dever de comparação, não pode deixar de ser acolhida com agrado, semelhante verificação.

Dois títulos mundiais de box mudaram de proprietário durante o mês findo, e qualquer dos resultados mereceu ser tido como autêntica surpresa. O primeiro desapossado foi o negro Afonso Brown, batido em Valência pelo espanhol Sangchili, que pa-

Max Baer, o "boxer" que acaba de perder o título de campeão do Mundo



rece ter aproveitado da excessiva confiança do adversário; Brown descurou a sua preparação e sofreu-lhe as consequências.

A mesma desagradável conclusão, cortou a carreira do campeão de todas as categorias, o americano Max Baer, cujas extravagâncias e exageros de publicidade tanto têm dado que falar.

A derrota não teria sido tão amarga, se o título transitasse para as mãos dum pugilista de renome, como Schmeling ou Carnera; mas o vencedor de Baer não passa dum modesto e ignorado "boxeur", arvorado em aspirante ao título pelas conveniências dos organizadores, e que até ao dia do combate estava recebendo um soldo auxiliar do fundo do desemprego.

Trinta e cinco mil espectadores assistiram, no estádio de Long Island, a uma exhibição lamentável de Max Baer que, um ano antes, havia brincado nesse mesmo ring com o gigante italiano Primo Carnera.

É evidente que o imprevidente campeão nunca tomou a sério as possibilidades do pobre Braddock, pacato pai de família já com mais de trinta anos, e que, até à data, não conseguira impôr-se no meio.

A única conclusão a tirar do incidente será a da classe modesta dos actuais

campeões, cujo valor não pode compararse, por exemplo, ao do formidável Dempsey.

Este Braddock vai ser, afinal, um provisório detentor do título, como o têm sido os seus imediatos antecessores.

Quanto a Max Baer tudo parece indicar que a sua fortuna como actor de cinema se eclipsará com a mesma facilidade com que surgiu.

Finalmente, Marcel Thil, campeão mundial de pesos médios, conseguiu conservar o seu título, derrotando aos pontos Carmelo Candel, perigoso adversário. O combate teve quinze assaltos. Até ao nono o resultado mostrava-se indeciso. Nessa altura, porém, Thil atingiu Candel com um sóco que o estendeu por terra durante oito segundos. Candel conseguiu reerguer-se e continuar o jogo, mas a partir desse momento a superioridade de Thil afirmou-se nitidamente.

O combate realizou-se em Paris, no Estádio Roland Garros, e teve uma assistência de cerca de oito mil pessoas.

Salazar Carreira.



As equipas de ring tennis do G. D. Operário e do Campo de Ourique

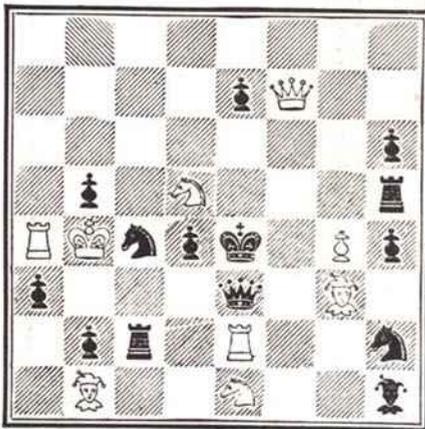
Os cursos infantis de ginástica de Os Sports no Estádio

Xadrez

(Problema por Larsen)

Branças: 9

Pretas: 14



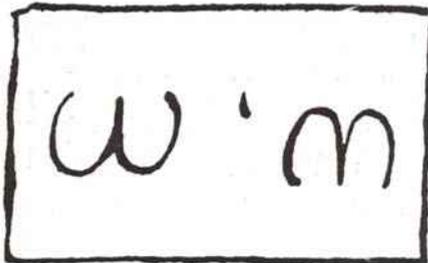
Jogam as brancas e dão mate em dois lances

Um chapéu de Napoleão

O chapéu que Napoleão Bonaparte usou no dia da célebre batalha de Eylau, foi vendido em Paris por 400\$00. No leilão apareceu avaliado por 100\$00 e foi disputado por trinta e duas pessoas.

Não tão fácil como parece

Poucas pessoas estão bem seguras de qual seja o seu poder mental; menos ainda têm perfeita consciência do poder da sua vontade; e ainda menos são os que podem pôr em prática este último poder quando a ocasião o exige.



Aqui está um exercício oferecido àqueles que contam demasiado com a sua capacidade de concentrarem o poder da sua vontade sobre uma coisa especial. Experimentem escrever as duas letras, que a figura indica, no chão, em terra ou areia, uma com o indicador da mão direita e a outra com o da mão esquerda, procurando executar ambas as operações simultaneamente. O resultado que obtiverem, creiam que os encherá de surpresa.

Generosidade simpática

A mulher do presidente dos Estados Unidos da América, Mrs. Roosevelt possui grande talento de jornalista e conferencista; escreve muitos artigos em jornais e realiza numerosas conferências ao microfone.

Por isso é muito procurada a sua colaboração, e de tal maneira o é que, o ano passado, ganhou mais de 100.000 dollars, isto é 25.000 dollars mais do que o rendimento anual do presidente na Casa Branca. E, generosamente, Mrs. Roosevelt emprega a totalidade dos seus ganhos em auxiliar inúmeras sociedades de beneficência. É ao que ela graciosamente chama os seus «ganhos de caridade».

NUM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V.

Copas — 5, 3.

Ouros — 10, 3.

Paus — 9, 5.

Espadas — A., 8, 3. **N** Espadas — — — —.

Copas — 4. **O** Copas — 10, 6.

Ouros — 9. **E** Ouros — R., V., 7, 6.

Paus — R., 6. **S** Paus — 4.

Espadas — — — —.

Copas — D., 8.

Ouros — A., D., 8.

Paus — V., 8.

Trunfo é paus. S joga e faz cinco vasas.

(Solução do número anterior)

S joga dois trunfos, baldando-se N ao 4 de paus e 2 de espadas. S joga, em seguida, o Az de paus e depois o 7 de paus. N faz a vasa com o Rei de paus.

E tem sido obrigado a baldar-se quatro vezes e conforme as três cartas com que ficar assim N jogará o Az de espadas e o 2 de ouros para S cortar e fazer o Valete de espadas, ou jogará o 2 de ouros para S cortar, jogar espadas e N fazer o Valete de ouros.

Anecdota

O senhorio: — Aviso-o, sr. Seabra, de que para o próximo mês, a renda da casa são mais vinte escudos.

O inquilino: — Mas não vejo razão para isso! Então, por ventura, aumentaram as contribuições?

O senhorio: — Não, senhor, mas sei que mandou fazer obras por sua conta; que forrou as casas de novo; enfim, que fez muitos melhoramentos, e é justo que quem tem mais comodidades, pague mais renda.

Quadrado mágico

(Solução)

1	14	7	12
15	4	9	6
10	5	16	3
8	11	2	13

O comércio das máscaras antigamente

Há três séculos, o comércio de máscaras era reservado a pintores e escultores, que tinham para isso privilégio em regra.

A 21 de Janeiro de 1648, um tal Leonard de Lorye, foi condenado a um ano de prisão, como «usurpador», por sentença do barão de Saint Brisson, guarda do «probestório» de Paris, por ter importado de Veneza e vendido na capital francesa algumas máscaras.

Lógica infantil

- Joãozinho, que queres que te dê no dia dos teus anos, um relógio ou uma bicicleta?
- Uma bicicleta que tem as rodas maiores.
- Não, meu caro, eu nunca pago as minhas dívidas velhas.
- E as novas?
- Oh! essas, deixo-as envelhecer.

A graça na Inglaterra



A esposa modelar: — Como ainda é distante e já está escuro, se te não custasse muito, Manuel, ias com a Brigida e ensinavas-lhe onde fica a caixa do correio?

(De London Opinion).

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

- Afonso Lopes Vieira, um volume.
- Alexandre Herculano, um volume.
- Antero de Figueiredo, um volume.
- Augusto Gil, 1 volume.
- Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
- Eça de Queirós, dois volumes.
- Fernão Lopes, três volumes.
- Frei Luís de Sousa, um volume.
- Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.
- João de Barros, um volume.
- Lucena, dois volumes.
- Manuel Bernardes, dois volumes.
- Paladinos da linguagem, três volumes.
- Trancoso, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

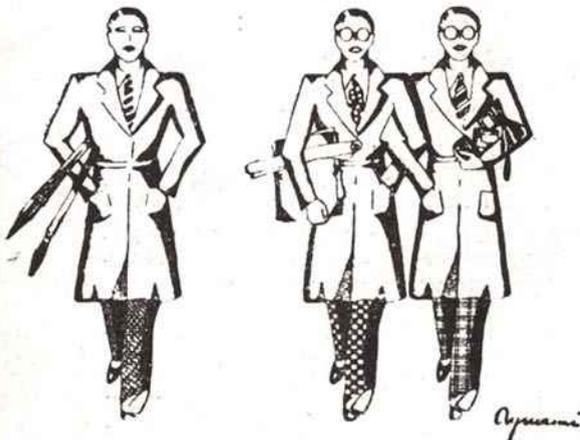
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.ª EDIÇÃO
muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

*1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras
no texto, 16 estampas a côres em hors-texte
e capa a côres. 15\$00*

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2. ^a edição), 1 vol. enc. 13000; br. ...	8\$00
Braz Cadunha — 1 vol. br.	6\$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12000; br.	7\$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12000; br.	7\$00
Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13000; br.	8\$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br.	10\$00
Por terras estranhas — 1 vol. br.	4\$00
Meu (O) menino — (3. ^a edição), 1 vol. enc. 17000; br.	12\$00
Manual de Medicina Doméstica , indispensável em todas as casas (2. ^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina.	35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75
LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por **Edmundo de Amicis**, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por **Edmundo de Amicis**, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de **MARCELINO MESQUITA**

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio à cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Lette Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Burreli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de Júlio Verne. 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guimar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de Ribeiro de Carvalho, 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 134 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guimar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cerca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força — A arte alemã — A Alemanha aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A invasão da Inglaterra — Jellicoe — A arte e a guerra — A espionagem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do «front» — No «front» — Na «trincha», etc.

1 vol. de 220 págs., broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo — Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
 " " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	13\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 - LISBOA
 OU À LIVRARIA BERTRAND
 Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico aos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

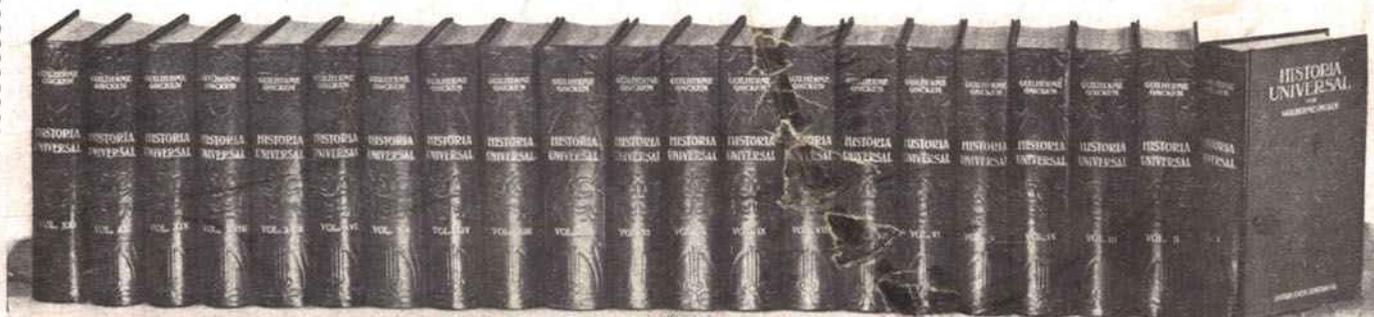
REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA